

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TEREZA KARINE DOS RÊZ

**A INFLUÊNCIA DA MATERNIDADE NA ATUAÇÃO ACADÊMICA DA
MULHER: ESTUDO SOBRE AS DOCENTES DO CENTRO DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE – UFCG.**

**CAJAZEIRAS/PB
FEVEREIRO/2023**

TEREZA KARINE DOS RÊZ

**A INFLUÊNCIA DA MATERNIDADE NA ATUAÇÃO ACADÊMICA DA MULHER:
ESTUDO SOBRE AS DOCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no curso de Licenciatura em Pedagogia como requisito para obtenção de grau de licenciada em pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kassia Mota de Sousa

CAJAZEIRAS/PB
FEVEREIRO/2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

R467i Rêz, Tereza Karine dos.
A influência da maternidade na atuação acadêmica da mulher: estudo sobre as docentes do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG / Tereza Karine dos Rêz - Cajazeiras, 2023.
64f. :il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Kassia Mota de Sousa
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.

1.Atuação acadêmica da mulher. 2. Mães professoras da UFCG.
3.Representações de gênero. 4. Professoras mães. 5.Maternidade. 6.Políticas públicas.7.Constituição. I.Sousa, Kassia Mota de. II. Título.

TEREZA KARINE DOS RÊZ

A INFLUÊNCIA DA MATERNIDADE NA ATUAÇÃO ACADÊMICA DA MULHER: ESTUDO SOBRE AS DOCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito de avaliação para obtenção de título de licenciada plena em pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Kassia Mota de Sousa.

Aprovada em: 07/02/2023

EXAMINADORAS:

Kássia Mota de Sousa

Prof.^a Dr.^a Kassia Mota de Sousa
(UAE -UFCG-Orientadora)

Raimunda de Fatima Neves Coêlho

Prof.^a Dr.^a Raimunda de Fatima Neves Coêlho
(UAE -UFCG- Avaliadora 1)

Rosemere Olimpio de Santana

Prof.^a Dr.^a Rosemere Olimpio de Santana
(UACS-UFCG- Avaliadora 2)

*Por Conceição Evaristo
Em memória de Beatriz Nascimento*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.*

In: Cadernos Negros, vol. 19.

RESUMO

O presente estudo intitulado “A Influência da Maternidade na Atuação Acadêmica da Mulher: estudo sobre as docentes do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG” buscou analisar o impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras. Nosso estudo, partiu da compreensão que, em uma sociedade marcada pelo machismo estrutural, os cuidados parentais atrelados culturalmente a mulher, quando somados as responsabilidades profissionais atribuídas à docência no magistério superior, sugerem uma realidade profissional e pessoal com especificidades importantes para as mulheres, a compreensão deste contexto se faz importante, considerando a necessidade de construção de uma sociedade mais equânime na perspectiva do gênero. Assim, discutimos as representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico, traçamos o perfil das mães professoras da UFCG e levantamos as políticas públicas de apoio à mulher mãe de bebês e crianças pequenas professoras dessa Universidade. Considerando que o trabalho foi projetado e teve seu campo iniciado nos anos de 2020 e 2021, durante a pandemia pelo COVID-19, quando havia a necessidade de isolamento social, os dados da pesquisa foram gerados a partir de um questionário on-line, a partir do formulário, realizamos um levantamento de dados acerca das professoras mães que estão prestando seus serviços a UFCG, discutindo também sobre suas dificuldades, redes de apoio, experiências e contribuições, e combinando uma abordagem quanti-qualitativa, abordamos a experiências das professoras mães. O trabalho se insere no âmbito das pesquisas de gênero, com foco nas questões feministas, por compreendemos que a pesquisa científica deve se debruçar sobre questões que combatam o machismo estrutural, na perspectiva de construção de uma sociedade mais justa, onde as mulheres possam assumir os postos de trabalho que desejar, e que as instituições possam constituir-se como espaços de equidade social.

Palavras chaves: constituição, maternidade, gênero, e políticas públicas.

ABSTRACT

The present study entitled "The Influence of Motherhood on Women's Academic Performance: a study on the teachers of the Teacher Training Center of the Federal University of Campina Grande - UFCG" sought to understand the impact of motherhood on the academic life of the Teachers. Our study started from the understanding that, in a society marked by structural machismo, parental care culturally linked to women, when added to the professional responsibilities attributed to teaching in higher education, suggest a professional and personal reality with important specificities for women, the Understanding this context is important, considering the need to build a more equitable society from a gender perspective. Thus, we discuss current gender representations and their emotions in the academic context, profile the UFCG professor mothers and raise public policies to support women with babies and young children who are professors at the University. Considering that the work was designed and had its field started in the years 2020 and 2021, during the COVID-19 pandemic, when there was a need for social isolation, the research data were generated from an online procedure, the A From the form, we carried out a survey of data on the teacher mothers who are providing their services to UFCG, also discussing their difficulties, support networks, experiences and contributions, and combining a quantitative and qualitative approach, approaching our experiences of the mother teachers. The work falls within the scope of gender research, focusing on feminist issues, as we understand that scientific research must address issues that combat structural machismo, from the perspective of building a fairer society, where women can assume the jobs they want, and that institutions can constitute themselves as spaces of social equity.

Key words: constitution maternity, gender and public policies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
CFP	Centro de Formação de Professores
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SEI	Sistema eletrônico de Informações
UAE	Unidade Acadêmica de Educação
UACEN	Unidade Acadêmica de ciências Exatas e da Natureza
UACS	Unidade Acadêmica de Ciências sociais
UACV	Unidade Acadêmica de Ciências da Vida
UAENF	Unidade Acadêmica de Enfermagem
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UNAGEO	Unidade Acadêmica de Geografia
ETSC	Escola Técnica de saúde de Cajazeiras

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Panorama do Campus quanto a questão da maternidade.....	24
Tabela 2: Configurações familiares das pesquisadas.	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MULHER, MATERNIDADE E TRABALHO	15
3. METODOLOGIA	19
4. ANÁLISE DE DADOS	21
4.1 Perfil Social das Voluntárias	29
4.2 Análise do Impacto da Maternidade na Vida Acadêmica das Professoras do Centro de Formação de Professores – UFCG Campus Cajazeiras	32
4.3 Representações de Gênero na Atualidade e Suas Implicações no Contexto Acadêmico.	42
4.4 Políticas de Apoio a Docente Mãe de Bebês e Criança Pequenas da UFCG.	44
5. CONCLUSÃO	47
6. BIBLIOGRAFIA	50
7 - APÊNDICES	53
7.1. Termo de Anuência	53
7.2. Instrumento de Coleta de Dados.	54
7.3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Conforme Resolução do CNS/ No. 466/2012).	56
7.4 Termo de Compromisso de divulgação dos resultados	58
7.5 Termo de Compromisso da Pesquisadora	59
7.6. Parecer de aprovação do projeto no Comitê de Ética.	60

1. INTRODUÇÃO

A marca machista sob a função social da mulher se mostra das mais diversas formas e em todos os períodos históricos. Apesar das conquistas que o movimento feminista possibilitou para as mulheres em todo o mundo e nos mais diversos contextos, esse é um tema que ainda precisa está em pauta, ser reivindicado.

Para elaboração do presente estudo adotou-se a inferência que as configurações machistas estruturais da sociedade ditam que o fato das mulheres estarem assumindo funções em espaços não domésticos, como no espaço universitário, não as isentam de serem as principais responsáveis pelos trabalhos domésticos e cuidados parentais e as combinações dessas responsabilidades geram uma sobrecarga de tarefas e esgotamento físico e emocional dessas profissionais.

Desse modo, percebendo a vivência da maternidade e o desenvolvimento profissional da mulher como direitos é que focamos o presente estudo na Influência da maternidade na atuação docente da mulher. O estudo discute como o ensino superior está nos recebendo como profissionais (ou não), é notado que a própria arquitetura acadêmica nega o fato de estamos nesse espaço, as instalações não nos reconhecem, nem aos nossos(as) filhos(as), não existe lugar adequado para a amamentação, desmame, trocadores, nem creche.

A revista Sinpes discute essa questão no artigo intitulado “Docência e Maternidade – A dura rotina das professoras que precisam conciliar filhos e sala de aula”, pontuando que “O meio universitário foi pensado e planejado a partir de uma arquitetura endocêntrica, porque o número de homens nas universidades era muito superior do que o das mulheres ao longo da história.” Na atualidade, a negação da universidade como um espaço que a mulher está presente, precisa ser superada em todos seus desdobramentos.

A educação é a principal ferramenta que dispomos para promoção da equidade social, precisamos então voltar nossa educação, em todos os níveis, para uma revisão dos conceitos de gênero e de suas funções sociais considerando a mudança de lugar assumido pela mulher na sociedade e suas necessidades atuais como direito.

A pesquisa foi desenvolvida da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Campus Cajazeiras e teve como sujeitos da pesquisa as professoras desse Centro de Formação de Professores, se tratando de uma pesquisa exploratória do tipo quanti-qualitativa. A apresentação do trabalho, além desta introdução (ponto 1) se organiza nos demais pontos: 2. Mulher, Maternidade e Trabalho; 3. Metodologia; 4. Análise de Dados; 4.1. Perfil social das voluntárias; 4.2. Análise do impacto da maternidade na vida acadêmica das professoras do

centro de formação de professores – UFCG Campus Cajazeiras; 4.3. Representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico; 4.4. Políticas de apoio à docente mãe de bebês e crianças pequenas da UFCG; 5. Conclusão; 6. Bibliografia; 7. Apêndices.

De início, essa introdução traz uma breve discussão da temática, uma apresentação inicial do tema, os objetivos que são divididos em geral e específicos, onde se expressa as intenções da pesquisa e a justificativa onde é levantado como surgiu o interesse pelo tema e o porquê estudá-lo, qual sua relevância social. A revisão teórica trata-se das bases da pesquisa, nesse tópico é proposto um debate com os autores estudados, seus escritos são apresentados e debatidos para enriquecer a discussão. A metodologia, por sua vez apresenta o planejamento do passo a passo da parte “prática” do estudo, como pretendia realizar a pesquisa de campo que foi desenvolvida e sob quais circunstâncias, a análise dos dados detalha o processo real e as estratégias utilizadas para acesso as sujeitas da pesquisa, além da apresentação dos resultados e reflexões acerca desses resultados da pesquisa, por fim, na conclusão é trazido o resumo final da temática, os achados e a resposta para a problemática proposta além de possíveis novas vertentes como sugestões de estudos futuros. São apresentadas também as referências bibliográficas e os apêndices.

Este trabalho compreende os sujeitos em sua pluralidade, seus aspectos emocionais internos, público e social serão explorados no intuito de entender quais os impactos da maternidade na produção profissional bem como na saúde (física e emocional) dessa mulher, no entanto, considerando as limitações deste trabalho as problemáticas serão também sugestões de aprofundamento do tema em trabalhos futuros.

Para tanto, estudamos autores que trazem conteúdos e experiências acerca do tema, entre eles destaque: ARAGÃO E KREUTZ (2010); SIMÕES e HASHIMOTO (2012) E GONSALVES(2001) que debatem sobre as novas responsabilidades sociais que a mulher tem conquistado somado a maternidade e suas representações, o preconceito sofrido por essas mulheres, as cobranças machistas e o reflexo disso nas dinâmicas e configurações familiares da atualidade, além de destacar também, o movimento *Parent In Science* e o que ele representa nessa conjuntura, o movimento consiste em um grupo de estudos fundado em 2016 pela professora Fernanda Staniscuaski na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que debate a maternidade e paternidade na ciência. O grupo é responsável por levantar a relevância do tema em todo o país e no mundo.

O estudo do tema pautou-se principalmente em artigos online publicados em eventos e revistas, isso porque a produção teórica produzida e publicada sobre a temática é pouca, o que

reflete a cultura patriarcal que fundamenta nossa sociedade e que tende a minimizar as questões do “universo” feminino.

Assim, traçamos os seguintes objetivos para o presente estudo: 1. Analisar o impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras do Centro de formação de professores – UFCG campus Cajazeiras (Objetivo Geral); 2. Discutir as representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico; 3. Traçar o perfil das professoras do Centro de Formação de Professores da UFCG e 4. Levantar as políticas de apoio a docente mãe de bebês e crianças pequenas da UFCG (Objetivos específicos).

Com esse estudo pretendemos ter contribuído, para o rompimento das configurações patriarcais da sociedade atual, configuração essas que precisam ser superadas e que apesar de ainda atender a algumas demandas sociais, não correspondem com os avanços sociais alcançados a partir das lutas feministas e o novo papel que a mulher desempenha nesse cenário. As mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho e o espaço pessoal e familiar dessas mulheres reflete em seus trabalhos e atividade neles desenvolvidos. Nesse sentido, Oliveira *et al* (2015, p. 03) comenta:

Se por um lado a vertente das ‘conquistas femininas’ aponta para uma crescente valorização de características atribuídas às mulheres e ao senso de realização advindo da participação na atividade produtiva, por outro lado, muito ainda deve ser colocado em pauta no que se refere ao ‘peso’ dessas conquistas e aos reflexos dessas mudanças não apenas em seu aspecto econômico e social, mas, sobretudo, cultural.

Aos 23 anos me vi mãe e estudante de licenciatura, e senti na pele os reflexos desse machismo no ambiente universitário, e a indivisibilidade da mãe (e do filho[a]) nesse ambiente, considerando os desafios e possibilidades que isso me trouxe, despertou em mim o interesse por explorar como a maternidade influencia na atuação acadêmica da mulher. De início, diante da ampla abertura do tema, se constituiu um desafio a delimitação do estudo, junto a minha orientadora, definimos estudar a influência da maternidade na atuação acadêmica das professoras mães de bebês e crianças pequenas da UFCG, sendo essa uma realidade de muitas professoras deste centro universitário, esse se mostra um campo de estudos possível, disponível é pouco representado quanto estudo acadêmico publicado neste espaço. O trabalho se constitui então, como resposta às inquietações fomentadas nesta fase pessoal (minha) mas, que se mostra também como uma realidade de muitas outras mulheres.

É nossa responsabilidade social, sobretudo com a geração futura, trabalhar questões que combatam o machismo estrutural para construção de uma sociedade mais justa e equânime onde

a mulher possa assumir o lugar que quiser, afinal “uma sociedade boa para as mulheres é uma sociedade boa para todo o mundo”.

Nessa percepção, o debate da relação entre carreira e família é essencial para que a própria sociedade se reorganize considerando as mudanças do papel desempenhado pela mulher, as configurações sociais precisam acompanhar essas mudanças.

Já é percebido que “estas mulheres se tornaram mais conscientes de sua civilidade e de seu valor no mercado de trabalho, bem como mais confiantes em seus relacionamentos pessoais” (SILVA, PEREIRA, ANTUNES, SILVA, CASTELAR, 2019, p. 193) então, nesse cenário, o estudo científico do tema, contribui para legitimar as preocupações das mães que estão prestando seus serviços no ambiente universitário, suas questões ao serem compartilhadas, publicizadas, são também, validadas, abrindo um espaço para debate e socialização de experiências que deverão refletir em mudanças significativas em termo de conceitos e ambiente físico do espaço acadêmico.

2. MULHER, MATERNIDADE E TRABALHO

A divisão do trabalho se deu historicamente e essencialmente, pelo sexo (HIRATA, KERGOAT, 2020). De início, na pré-história, as mulheres eram responsáveis pela reprodução e cuidados relacionados aos filhos e com o lar, enquanto o homem se aventurava na busca por alimentos para garantir a sobrevivência da família. Desse modo, a função social da mulher se esgotava nos trabalhos domésticos e nas funções da maternidade, sua obrigação era dar à luz e cuidar integralmente da casa e dos filhos e trabalho externo, como sabemos, foi sempre atrelado à masculinidade.

A organização do trabalho na atualidade fundamenta-se nessa estrutura preestabelecida. A mulher continua sendo responsabilizada e desempenhando um trabalho reprodutor doméstico e de cuidado, mesmo que na atualidade ela exerça uma função profissional assalariada, enquanto o homem é dispensado dessa responsabilidade no âmbito privado. Desse modo, a mulher assume socialmente um trabalho reprodutivo e o homem exerce função de produção (HIRATA, KERGOAT, 2020).

É notado que a marca patriarcal em relação a mulher e sua posição social se mostra das mais diversas formas e em todos os períodos Históricos. Muitas vezes até as condições biológicas como a menstruação foi (e é) usada como piada e justificativa de inferiorização da mulher. Nessa realidade de inconformidade em exercer um papel submisso e oprimido socialmente é que ocorreram as mudanças do seu papel social, a mulher foi conquistando seu espaço de direito, no entanto, tais conquistas continuam sendo ameaçadas tendo que ser validadas por lutas diárias, “suaves” mais não menos importantes que se mostram como comentário, opiniões, nas estruturas físicas dos ambientes, e até mesmo em forma de Lei considerando por exemplo, a diferença entre o tempo de licença garantido para a mãe (120 dias) em relação a do tempo garantido para o pai (5 a 15 dias, podendo chegar a 20 dias em casos específicos).

Nessa realidade, a organização das mulheres na luta pela equidade originou os Movimentos Feministas, esses movimentos ajudaram no rompimento de muitas barreiras. No dicionário, feminismo significa “Movimento que combate a desigualdade de direitos entre mulheres e homens.” Mas, apesar dessa definição, é preciso pensar também nas diferenças existentes *entre* as mulheres, de modo que as lutas e conquistas dos movimentos possam alcançar a todas as mulheres: brancas, pretas, pobres, transexuais, com deficiência, sem acesso ao estudo, as que tinham sua força de trabalho explorada enquanto algumas lutavam para poder trabalhar. Todas nós.

Nesse sentido, os movimentos Feministas são *múltiplos* e buscam a *equidade* em todos os aspectos: de gênero, econômico, social e político. No entanto, apesar das muitas conquistas

adquiridas a partir da luta feminina, como o direito ao estudo, ao voto, a qualificação profissional e ao trabalho ainda precisamos enfrentar muitos preconceitos e desvalorização de nosso trabalho e modo de viver, o próprio movimento Feminista precisa repensar-se de modo a pertencer e representar as mulheres como um todo. A luta feminista de uma mulher preta e pobre não pode ser menor ou menos importante do que a luta de uma mulher rica, branca e com alto nível de formação.

Sempre se disseminou uma imagem de “mulher ideal” como sendo “bela, recatada e do lar”¹, ao nosso ver, nessa visão a mulher está representada como passiva, doce e comportada. Uma figura dotada de paciência e bondade, de boa aparência. Agradável ao olhar dos demais.

Nessa visão, a mulher deveria cuidar e educar seus filhos e marido, realizar as atividades do lar e ser agradável enquanto isso. De início, quando ocorreu a migração dessa mãe para a educação formal, como professora, o que se observou foi o mesmo caráter de função, a mulher continuava responsável pelo cuidado e pela educação das crianças, sempre de forma carinhosa e paciente, assumindo ser esse uma inclinação natural e até divina da natureza da mulher. Desse modo, a professora era “Sujeito exemplar, capaz de tocar o coração de seus alunos, com leveza e ternura, assim como as mães deveriam ser com os seus filhos [...]” (Aragão, Kreutz, 2010, p.111)

Apesar do primeiro contato da mulher com o trabalho institucional reconhecido e remunerado ter sido vinculado exclusivamente ao cuidado pouco se importando com as aprendizagens e desenvolvimento intelectual das crianças, essa foi uma das primeiras oportunidades de atuação da mulher como profissional, sendo assim, uma grande conquista.

O papel da mulher e sua representação social ainda colhem frutos das raízes dessa representação. A mulher diante de toda carga de ser quem é (mulher, mãe, esposa, profissional, dona de casa etc.) ainda precisa encontrar maneira de se desdobrar para manter-se como perfeita, doce e delicada em todos os campos que atuam.

Assim, contemporaneamente ainda existe uma forte tendência de divisão de trabalho em função do sexo e, atrelado a isso, existe também a hierarquização das funções desempenhadas pelos diferentes sexos. Os trabalhos desempenhados pelas mulheres são desvalorizados em várias instâncias quando comparado ao trabalho desempenhado pelos homens: os salários, as especificidades de gênero, a credibilidade, o respeito profissional são algumas dessas questões.

Nessa perspectiva é que investigamos as docentes da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Campus Cajazeiras, analisando seus anseios e desafios diante da maternidade

¹ Título da matéria publicada em 2016 pela revista “Veja” para descrever Marcela Temer, esposa do então vice-presidente Michel Temer e que gerou intenso debate sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

e suas implicações no trabalho acadêmico e produção.

Desse modo, ainda há um longo caminho a ser percorrido em busca de equidade. Ser mãe e a representação social da maternidade obriga a mulher a ser essencialmente mãe.

A concentração do cuidado dos filhos sobre as mulheres também se dá à força de lei no Brasil, com a disparidade nos períodos de licença paternidade e maternidade pressupondo e perpetuando a não participação dos homens nesse trabalho. (BOUERI e ASSIS, 2018, online).

A citação supracitada foi retirada do artigo intitulado “Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres” publicado na revista *Gênero e número*, e aborda justamente essas questões de a maternidade ser função exclusiva da mulher e como dito anteriormente, como isso é representado até mesmo em forma de Lei.

Essa é uma questão que precisa ser repensada tendo em vista a mudança na função social da mulher. Segundo Boueri, Assis (2018) há ainda algumas necessidades de mudanças que precisam ser implementadas em relação às mães cientistas, como a organização de eventos que comportem os filhos das cientistas, bolsas exclusivas para essas mulheres e a “maternidade no Lattes” que consiste em um movimento que luta pela inserção da licença maternidade no currículo Lattes, uma vez que segundo o artigo, a produção acadêmica da mulher é impactada negativamente nos primeiros anos de maternidade apresentando queda de produção.

Em 2016 a cientista Fernanda Staniscuaski criou o grupo denominado “Parent In Science”, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ele estuda as questões relacionadas aos desafios da maternidade e da paternidade na ciência e seus reflexos na produção acadêmica das cientistas que são mães e pais. O Parent In Science é reconhecido internacionalmente, sendo referência essencial nessa discussão em todo o mundo, são responsáveis por diversas publicações relacionadas ao gênero, raça e parentalidade bem como seus impactos nos diversos contextos científicos, por exemplo, na pandemia pelo vírus da COVID -19² entre os anos 2019 e 2021 foram publicados trabalhos que discutem como o trabalho home office afetaram nas atividades das mães e pais cientistas, analisando seus impactos em relação à raça, gênero e parentalidade na realidade estudada.

Diante da necessidade e da vontade de nos realizarmos profissionalmente acabamos adiando o projeto maternidade, e esse é “um dos fatores que têm contribuído para a permanência da mulher no mercado de trabalho é o de que a mulher tem adiado ou deixado de lado o sonho da maternidade” (Simões, Hashimoto 2012, p. 9), onde essa condição pode representar (ou não)

² Doença respiratória que atingiu todo o mundo entre os anos 2019 e 2021. Causado pela SARS-CoV-2, de fácil transmissão sendo a causa de milhões de mortes em todo o mundo, a pessoa infectada tem, entre outras sintomas, tosse seca, dificuldades para respirar e febre, comprometendo todo o sistema respiratório da pessoa acometida.

uma frustração pessoal, nessa realidade ainda precisamos lidar com a cobrança social pela maternidade, mas não só por ela, a mulher é cobrada pelo casamento, pela boa aparência (pré estabelecida), por organização do lar, ascensão profissional e pela maternidade, há uma visão de que a vida da mulher é um checklist público onde as pessoas acrescentam itens e a mulher precisa cumprir o estabelecido. A maternidade precisa ser escolha, pois ao mesmo tempo em que pode ser traduzido o mais puro amor, exige muito de nós mulheres: nosso tempo, nosso corpo, nossos pensamentos.

Assim, precisamos estudar e entender os processos que a maternidade impõe, as configurações sociais devem enxergar as novas condutas femininas perante a sociedade, as políticas públicas também precisam traçar esse caminho. Para isso, esse trabalho reflete e discute os impactos da maternidade na vida acadêmica das Professoras, as representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico, traça o perfil das professoras do Centro de Formação de Professores da UFCG e faz o levantamento das políticas de apoio à docente mãe de bebês e crianças pequenas.

3. METODOLOGIA

O trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória, do tipo quanti-qualitativa. Para Gonsalves,

“A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundadas sobre o tema”. (GONSALVES, 2001, p. 65)

Então, segundo Gonsalves quando exploramos sobre algo ao alguém, queremos produzir informações a respeito desse evento ou pessoa, para assim oferecer uma base de dados clara com informações amplas que possibilitem trabalhos mais aprofundados sobre esse mesmo evento ou pessoa.

Conforme a mulher chega aos espaços acadêmicos, os estudos científicos sobre as questões de gênero na universidade ganham cada vez mais espaço, e a maternidade, enquanto questão sociocultural ganha visibilidade como temática de estudo. É neste contexto que exploramos a temática da maternidade das mulheres acadêmicas, entendo como e se a questão é abordada institucionalmente, na perspectiva de construção de uma base de dados capaz de oferecer a “visão panorâmica” a qual Gonsalves ressalta, possibilitando futuros estudos, mais aprofundados do tema, uma vez que trazemos dados quantificados e também qualificados de acordo com as respostas produzidos pelas sujeitas da pesquisa.

Desse modo, fizemos um levantamento de dados acerca das professoras mães que estão prestando seus serviços a UFCG, discutindo também sobre suas dificuldades, redes de apoio, experiências e contribuições. Neves (1996) destaca que a combinação quanti-qualitativa permite que o trabalho seja mais completo, assim, considero que essa abordagem me permitiu contemplar melhor os objetivos do estudo.

Considerando os riscos que a pandemia pelo vírus da COVID -19 submete a todos, e atentos às orientações de órgãos da saúde que defendem, o isolamento social como estratégia de enfrentamento à doença, principalmente no Brasil, devido a incompetência governamental no estabelecimento de uma política nacional de compra e distribuição gratuita e universal de vacinas, optamos por usar como fonte para coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas que foi encaminhado via e-mail para as sujeitas da pesquisa, assim como o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com os devidos esclarecimentos de participação voluntária na pesquisa asseguradas pelas leis vigentes.

Para isso, contamos com a contribuição das instâncias da Universidade, especificamente das Unidades Acadêmicas da instituição, para o direcionamento e encaminhamento do instrumento de coleta de dados da pesquisa para as voluntárias. Assim, encaminhamos o trabalho da seguinte forma:

- 1) Encaminhamento do questionário aos Coordenadora(a)s das Unidades Acadêmicas;
- 2) Divulgação da pesquisa e solicitação de apoio nos encaminhamentos dos questionários e na resolução dos mesmos;
- 3) Coleta dados;
- 4) Tabulação os dados coletados;
- 5) Análise de dados;

As voluntárias da pesquisa, em nossa aceção sujeitas da nossa pesquisa, foram as professoras mães da Universidade Federal de Campina Grande do Campus de Cajazeiras, com foco nas professoras mães com filhos bebês (0-1a e 6m de idade), crianças bem pequenas (1a e 7m – 3a e 11m) e crianças pequenas (4a - 5 e 11m), uma vez que entendo que essas faixas etárias exigem mais a presença materna.

O questionário possui 33 pontos que além de possibilitar a coleta de informações gerais como: nome, e-mail, idade, raça, currículo Lattes, quantidade de filhos e formação, também focam nas atividades acadêmicas das voluntárias antes, durante e após a gestação. A partir da observação mais detalhada desses contextos é possível refletir como a maternidade exerce influência na vida e produção acadêmica dessas mulheres. Outros importantes pontos tratados no questionário são as políticas institucionais de apoio à maternidade na UFCG e a vida no âmbito privado dessas mulheres, configurações familiares e as suas implicações, como por exemplo, entender de quem é a responsabilidade financeira e de cuidados com a prole. Para contemplar essas vertentes o questionário foi organizado em “blocos” que permitem traçar um caminho mais linear entre esses pontos.

4. ANÁLISE DE DADOS

O processo de coleta de dados se constituiu como um grande desafio. Conforme pensado mediante o cenário pandêmico agravado pela omissão do Estado na construção de políticas públicas eficazes de saúde pública e manutenção da vida nos anos 2020/2021, quando nosso trabalho foi gestado, visando assim, o necessário isolamento social exigido no momento e, para garantir a segurança e saúde de todos os envolvidos nesse processo de pesquisa, optamos por usar as ferramentas on-line de interação para contactar as professoras mães da UFCG. Desenvolvemos então um questionário no google forms contendo 32 questões (abertas e fechadas) que foi encaminhado por e-mail e, em alguns casos, pelo WhatsApp, para as voluntárias. Os dados foram registrados em gráficos também gerados no google foms.

Para isso, solicitamos via processo SEI a colaboração das Unidades Acadêmicas na divulgação da pesquisa e também no incentivo de devolução do questionário devidamente respondido com as professoras mães da UFCG campus Cajazeiras. No entanto, as respostas das unidades/professoras foram muito abaixo do esperado por nós pesquisadoras.

Assim, se fez necessário um trabalho de campo, o que nos foi permitido graças a chegada da vacina (já tarde) e conseqüentemente, a melhoria das condições sanitárias do país em relação a pandemia pela COVID 19. Desse modo, organizamos e realizamos um trabalho de “porta em porta” na UFCG, reforçando o pedido de divulgação do questionário com as Unidades acadêmicas de cada curso, pedindo informações gerais como os quantitativos de professores das Unidades, das professoras mulheres e também das professoras que são mães, entre outras informações (quem são essas mulheres, onde e quando encontrá-las, seus contatos e etc.) e, nessa fase, também passamos por desafios significantes.

Logo de início, a maioria das Unidades apresentaram certo receio em compartilhar os contatos dessas mulheres, se responsabilizando em divulgar e reforçar o pedido de devolução do questionário.

A Unidade de Pedagogia compartilhou o e-mail pessoal das professoras mães que prestam seus serviços para essa unidade, o que permitiu que eu entrasse em contato direto com essas professoras e conseguisse o número máximo de respostas das mulheres mães da pedagogia. As unidades de química e geografia foram muito receptivas, os assistentes me forneceram contatos (e-mail e celular) dos coordenadores administrativos de suas unidades, o que permitiu o contato direto com eles(a). No entanto, esse contato ainda não foi o suficiente para a adesão das professoras à pesquisa, de modo que, o processo de gerar dados sólidos da

realidade dessas mulheres no campus da UFCG de Cajazeiras se mostrou mais difícil que o esperado.

Nessa fase, passei a enviar e-mails diários direcionados a todas unidades através dos endereços disponibilizados no site da UFCG, pedindo mais uma vez, a colaboração e frisando a importância da pesquisa no cenário social e acadêmico da atualidade onde se faz necessário discutir cientificamente tais questões, para ressignificar o papel social da mulher e do homem inclusive, na universidade. Além da mensagem, os e-mails também continham o link do questionário e a imagem abaixo, de incentivo a adesão à pesquisa:

Figura 1: Folder de divulgação da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Diante da necessidade de dados sólidos que correspondem à realidade do campus, nossa justificada insistência com as unidades por vezes, foram recebidas pelos assistentes e coordenadores com desagrado. Muitos e-mails foram ignorados, e as mensagens de WhatsApp foram respondidas de maneira rude. Nas unidades que tiveram menor número de participação, foram onde se fez necessária maior obstinação de nossa parte, dessa maneira, precisamos

acionar mais insistentemente a participação dessas Unidades, através de visitas e mensagens onde relatamos a não participação das mulheres na devolutiva do questionário e, na oportunidade, pedimos mais uma vez, que o questionário fosse disponibilizado nos grupos de professores, alguns coordenadores administrativos e secretários atendiam nossa solicitações, outros porém, diziam já ter contribuído na divulgação e preferiam não insistir com as professoras. Esse foi o momento da pesquisa onde se destacou muitas incertezas, pois, muitas mulheres, mesmo tendo acesso, por mais de uma vez, ao material da pesquisa e ao questionário de coleta de dados, não tinham em suas atividades profissionais diárias, cinco minutos para o debate proposto.

Dessa maneira, entendemos essa pesquisa como um caminho para ressignificar na UFCG a maternidade e suas implicações universitárias, visto que, apesar de nossos esforços, a não adesão das professoras no estudo pode ser considerada a expressão nítida da invisibilidade da temática nessa realidade. Assim, continuamos com um trabalho de incentivo para que possamos alcançar o maior número de respostas possíveis e caminhar em direção a uma mudança de conceito no que diz respeito a experiência das mulheres mães universitárias.

A partir de nossos esforços, considerando o calendário acadêmico e visando o cumprimento dos prazos por ele estabelecido, optamos, depois de muitos esforços e incentivo em relação a colaboração das professoras mães da UFCG e de obtermos o maior número de respostas possíveis, por encerrar o recebimento das respostas do questionário online no dia 10 de outubro de 2022. A partir do apoio das Unidades acadêmicas, levantamos o quantitativo total dos professores por curso da UFCG campus Cajazeiras, como também o quantitativo de professoras e das professoras que são mães, no intuito de quantificar as porcentagens de participação dessas mulheres no estudo, essas informações foram organizadas em forma de tabela para melhor compreensão das informações. A separação por curso permite também observar em quais cursos a pesquisa foi melhor recebida. Essas informações (aliadas às demais indagações do questionário) nos permitem ainda, explorar os “porquês” dos números representados nessa realidade.

Assim, diante dessas informações se faz possível criar um panorama geral da realidade do campus em relação a temática estudada, observe:

Tabela 1: Panorama do Campus quanto a questão da maternidade.

Unidade acadêmica	Curso	Quantidade de professores	Quantidade de professoras mulheres	Quantidade de professoras mães	Quantidade de professoras mães que participaram da pesquisa
Unid. Acadêm. De educação (UAE)	Pedagogia	24	70,8%	25%	25%
Unid. Acadêm. De ciências exatas e da natureza (UACEN)	Física/biologia/matemática/química	30	20%	10%	6,6%
Unid. Acadêm. De ciências sociais (UACS)	História	17	52,9%	29%	11,7%
Unid. Acadêm. De ciências da vida (UACV)	Medicina	50	40%	22%	4%
Unid. Acadêm. De enfermagem (UAENF)	Enfermagem	22	77%	77%	9%
Unid. Acadêm. De letras (UAL)	Letras	24	50%	8,3%	4%
Unid. Acadêm. De geografia (UNAGEO)	Geografia	15	40%	13%	-
Escola técnica de saúde de Cajazeiras (ETSC)	Técnico de enfermagem, cuidador de idosos, saúde bucal e ensino médio.	32	68,7%	28%	18,7%
Total		214	51%	26%	10%

FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Na Unidade Acadêmica de Educação (UAE), composta pelo curso de pedagogia (matutino e noturno), contamos com 24 docentes, no qual, destes, 70,8% são mulheres, sendo apenas 25% mães e todas elas participaram da pesquisa.

Se faz necessário ressaltar que, quando foi permitido à mulher assumir um papel no mercado de trabalho, o magistério se mostrou como um trabalho ideal para elas, pois, é notado, no século XX uma forte tendência de assimilar as escolas primárias com um o ambiente doméstico (Aragão, Kreutz, 2010, p. 110), assim, o processo de naturalização da mulher como responsável pela educação de crianças, se fundamenta nessa representação da escola como extensão do lar, e da professora como uma “mãe” amorosa e paciente. Diante dessa representação, existe, ainda hoje, uma forte inclinação social em representar e preferir

educadoras mulheres na primeira infância. Desse modo, é comprovado a forte influência dessa idealização na atualidade quando percebemos uma maioria de mulheres no curso de pedagogia.

Considerando que é próprio da pedagogia a discussão ampla sobre questões de gênero, sexualidade, equidade social e feminismo temas que debatem muito intimamente com a temática do estudo, que sou aluna oriunda desse curso, e que a intimidade diária com as professoras foram fatores que possibilitaram mais facilmente a ampla participação das docentes no trabalho. É relevante destacar que as mulheres são maioria no quadro de professoras do curso, mas, as mulheres mães são a minoria e esse número é ainda menor quando se trata das mulheres mães de bebês, crianças bem pequenas e/ou crianças pequenas.

Na Unidade Acadêmica de ciências Exatas e da Natureza (UACEN) estão organizados os cursos de Física (noturno), Biologia(matutino), Matemática (matutino) e Química (noturno) que são ministrados por 30 professores, 20% desses professores são mulheres e apenas 10% são mães.

Esses números exemplificam e refletem o machismo estrutural no qual nossa sociedade é fundada, esse fenômeno de segregação por gênero observada na composição dos cursos em inglês é denominada *gender tracking* (LOCH, TORRES, COSTA, 2021, p. 02 apud BORGES, 2014, p. 1-104) traduzido, por “rastreamento de gênero”. Nesse sentido, para Gonzatti et al., (2020) “A questão de gênero na ciência pode ser considerada um reflexo de processos e estereótipos culturais mais amplos que se capilarizam em diferentes campos.”

Assim, é notada uma divisão de áreas de estudos definidas por aptidões baseada no gênero, aptidões essas, que tendem a ser estimuladas ao longo de toda uma vida. Os meninos desde pequenos, são preparados através de brinquedos e atividades para o pensamento lógico e racionalização enquanto as meninas tem, já na primeira infância, entre outras influências (a nossa ancestralidade, por exemplo), brinquedos que estimulam os cuidados domésticos e maternos.

A natureza das disciplinas contempladas pela UACEN foram perpetuadas como um campo masculino de pensamento e experiências “difíceis demais para mulheres”, por outro lado, como apontam Loch, Torres e Costa, (2021) “[...] por muito tempo, as mulheres não puderam desenvolver pesquisas nem mesmo como auxiliares, pois eram impedidas de frequentar as instituições de ensino”, tal fato histórico, atrelada às atribuições domésticas e maternas destinadas ainda hoje, na sua maioria, apenas as mulheres, influenciam para que a presença da mulher nesses cursos seja menor em relação a presença masculina tanto como

alunas quanto como professoras e pesquisadoras da área. Enquanto que em cursos, como a pedagogia (área de humanas) que foi perpetuado historicamente como um campo mais feminino, elas são a maioria. Nessa perspectiva, quando se propõe a discussão de temas tão necessários para ambos os gêneros como é o caso da maternidade nesse ambiente masculinizado, elas sempre aparecem como secundários na lista de prioridades, nesse cenário, das 03 mulheres mães dessa Unidade, apenas 6,6% participaram da pesquisa.

Na Unidade Acadêmica de ciências Sociais (UACS) o curso de História (matutino e noturno) são 17 professores 52,9% são mulheres e 29% são mães, apenas 11,7% delas responderam ao questionário, mesmo diante do acesso ao link do questionário e do incentivo para a adesão a pesquisa a maioria das professoras mães não responderam, esse padrão, infelizmente, se repetiu na maioria das unidades, se diferenciando apenas, na UAE. Na UACS, essa falta de devolutiva foi uma surpresa diante dos debates sociais que o próprio curso de história exige em seu formato, o que fomenta ainda mais a necessidade gritante de mais pautas voltadas à maternidade na Universidade.

A Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS) que contempla o curso de medicina (diurno) , apresenta o maior número de professores da UFCG campus Cajazeiras, são 50 professores onde 40% deles são mulheres e 22% delas são mães, apenas 4% dessas professoras responderam ao questionário, mesmo diante de múltiplos envios do questionário por e-mail e visitas presenciais no intuito de sensibilizar essas mulheres e de conscientizá-las em relação a importância de suas participações não apenas para a pesquisa mas, também na visão social e acadêmica da maternidade.

Quando analisamos o curso de enfermagem (diurno), que faz parte na Unidade Acadêmica de Enfermagem (UAENF) notamos que entre os 22 professores do curso, a *maioria* são mulheres, são 17 mulheres que representam 77% do quadro de docentes dessa unidade, *todas* elas sendo mães, no entanto, mesmo que todas tenham tido acesso ao link do questionário e a mensagem de esclarecimento da pesquisa e sua importância, apenas 9% docentes responderam o nosso questionário. Assim, notamos que, mesmo que o curso tenha a maioria das profissionais mulheres e mães, não existe um diálogo sobre a maternidade e seus desdobramentos no ambiente profissional dessas mulheres, sendo esse, um reflexo claro de uma sociedade fundada no machismo estrutural, onde pautas tão relevantes para todos, ainda são perpetuadas como menos importantes por ser naturalizada como uma responsabilidade feminina, como se fosse permitido a mulher ser mãe apenas em casa, estando intrínseco a

“proibição” das discussões envolvendo a maternidade no ambiente profissional de atuação feminina.

Os percentuais de participações na pesquisa também são muito abaixo do que esperávamos quando observamos os números das Unidades acadêmicas de Letras (UAL), Geografia (UNAGEO) e da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras (ETSC) que contempla os cursos técnicos de Saúde Bucal (matutino), Enfermagem (diurno) e Cuidador de Idosos (noturno) como também o Ensino Médio (diurno).

O Curso de Letras (matutino e noturno) é ministrado por 24 professores e 50% deles são mulheres, assim são 12 professoras, das quais apenas 8,3% delas são mães, durante o período da pesquisa uma delas estava afastada por licença médica, então, apenas 01 pode responder ao questionário, o que representa apenas 4% dos professores da unidade. No curso de Geografia (matutino e noturno) apesar de muitos esforços para contatar as mães professoras da Unidade, não obtivemos nenhuma resposta, nesse curso estão lotados 15 professores, 40% são mulheres e apenas 13% são mães. Na ETSC o quadro de professores é formado por 32 docentes, 68,7% deles são mulheres, 28% mães e apenas 18,7% participaram respondendo o questionário.

Conforme a lista de professores (do mês de maio de 2020) disponibilizada pela administração do Centro de Formação de Professores (CFP), o quadro de docentes na universidade conta, portanto, com 214 professores, sendo a maioria mulheres, elas ocupam 51% dessas vagas, das quais 26% são mães e apenas 10% participaram da pesquisa. Esses números registram que a maioria das professoras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - campus Cajazeiras, não são mães (podendo esse ser, considerando o tempo de desenvolvimento da pesquisa, um dado já superado). Entre as que são (55 professoras mães), a discussão da maternidade e suas implicações diárias ainda não chegou tão urgentemente quanto gostaríamos, considerando que *menos* da metade dessas mulheres (cerca de 21%) aderiram à pesquisa.

Percebemos assim, que apesar do maior número de mulheres mães se encontrar na UNAENF o curso que apresentou maior participação na pesquisa, foi o curso de pedagogia (UAE), onde todas as mulheres mães do curso responderam ao questionário, e o que apresentou menor interesse pela temática foi o curso de Geografia, onde nenhuma das professoras mães responderam ao questionário.

Com base nesses dados, é constatado a falta do diálogo sobre as dificuldades da vivência plena e real dessa fase da mulher que carrega ancestralmente maior responsabilidade pela prole

e das exigências da carreira intelectual (tempo, concentração, deslocamento), pode ter relação direta com o fato de mesmo sendo maioria em quantidade, as mulheres que aqui exercem suas funções docentes optarem em sua maioria, por não serem mães para que talvez, atinjam mais rapidamente o ápice de suas carreiras acadêmicas.

Nesse sentido, analisando o currículo Lattes das professoras que participaram da pesquisa, e a idade dos seus filhos, notamos que, apenas as mães que tiveram seus filhos nos últimos cinco anos, têm registrado no seu perfil profissional o período da licença maternidade, e elas são a minoria. Das 21 participantes apenas 03 apresentaram esse registro. Devemos levar em consideração que esse espaço de registro foi uma conquista recente.

A licença maternidade, embora já existente, veio a se constituir como um direito fundamental da mulher pela Constituição Federal de 1988, assim, a mulher trabalhadora, é assegurada em sua função assalariada, por 120 dias, podendo se dedicar à maternidade integralmente, sem prejuízos financeiros. Como graduanda, a Lei também garante esse direito, no entanto, as pós-graduandas até pouco tempo atrás, não gozavam desse recurso, tendo que optar, diante das demandas que são exigidas em ambas as funções, entre as atividades de pesquisa ou a vivência plena da maternidade.

Apenas em 2010 a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) publicou a portaria nº 220/2010 que foi revogada pela portaria 248/2011, visando a garantia da licença também às bolsistas pós-graduandas. Esse avanço foi uma das pautas reivindicadas pelo Parent In Science representando um primeiro passo de um longo percurso que visa a equidade de gênero no espaço Universitário, inclusive nos processos seletivos.

Desse modo, em Abril de 2021 foi disponibilizado pelo Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), na principal plataforma de apresentação profissional de pesquisadores, um espaço para registro da licença maternidade, simbolizando um grande avanço político social, principalmente para as mulheres e homens que promovem a discussão da maternidade (e paternidade) nesse meio, sendo essa uma ferramenta de suma importância para registrar um passo a mais na busca pela equidade. no entanto, conforme os dados desse estudo, na UFCG esse é uma ferramenta que ainda está sendo utilizada de forma muito tímida pelas mães universitárias do campus.

É verdade que “uma mudança isolada em um item do currículo não é capaz de alterar profundamente a postura androcêntrica e colonial que pautam os ambientes” (MONTEIRO, MAIA, 2021, p.05) muito embora, sejam esses detalhes que ampliam horizontes, mostrando

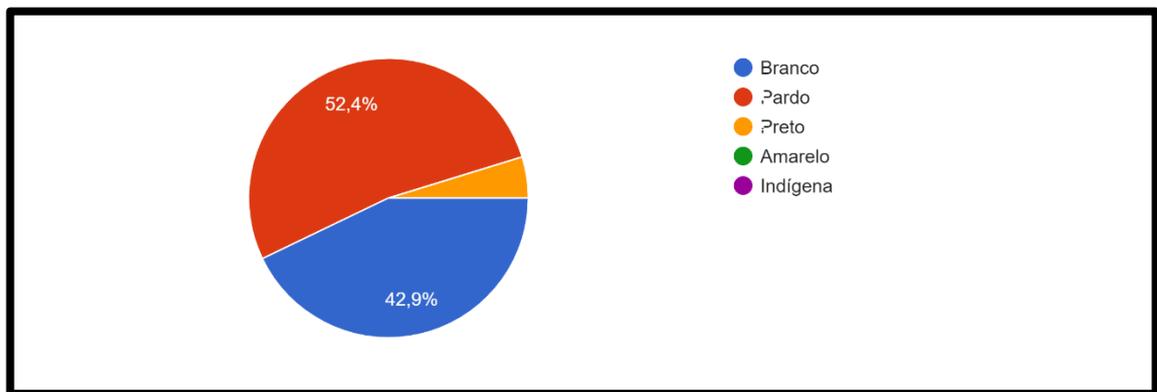
que esse é o caminho a ser percorrido. Mesmo que as Leis ainda legitimem que a maior responsabilidade é da mulher no referente aos cuidados dos filhos (quando a mãe tem quatro meses de licença maternidade e o pai, apenas cinco dias) tais conquistas políticas, refletem uma necessidade já antiga do mundo moderno.

4.1 Perfil Social das Voluntárias

Para estabelecer o perfil profissional e familiar dessas mulheres, foram elaboradas questões que permitem visualizar a organização dessas duas esferas, como também, percepções individuais sobre suas identidades. As mulheres que participaram da pesquisa, possuem entre 33 e 65 anos, todas leram e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) anexado ao questionário.

Dessa maneira, conforme expressado no gráfico I, no que se refere a cor e raça a maioria das professoras que participaram da pesquisa se autodeclararam afrodescendentes, das 21 profissionais mães 52,4% se consideram pardas, 4,7% negra, o que resulta em 57,1% de afrodescendentes e 42,9% brancas, nenhuma delas se autodeclarou amarela ou indígena.

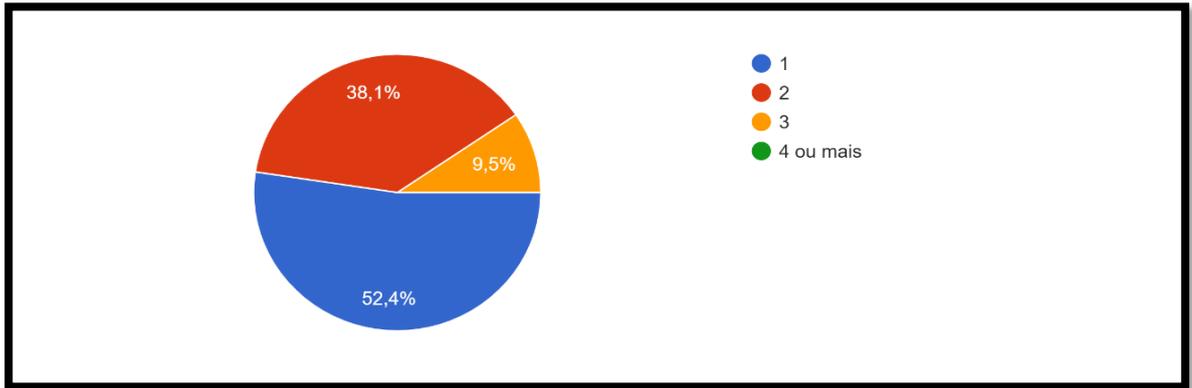
Gráfico I - Como você se autodeclara?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

A maioria dessas mulheres possui apenas um filho(a), conforme mostra o gráfico II nenhuma delas declarou possuir 4 filhos(as): 9,5% das participantes possuem 3 filhos(as), 38,1% delas registraram ser mães de 2 filhos(as) e 52,4% delas são mães de apenas 1 filho(a).

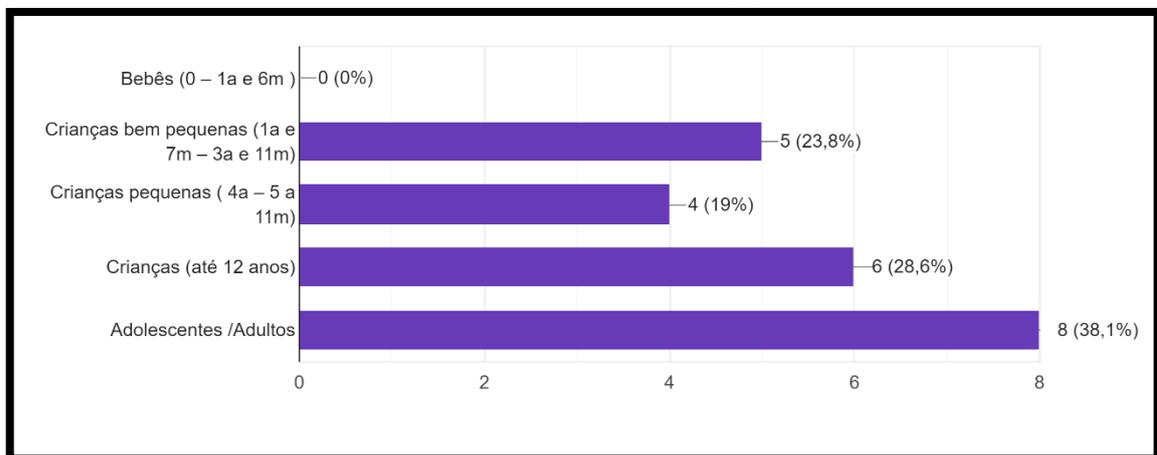
Gráfico II - Quantidade de filhos(as).



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

No que se refere a idade dos filhos, segundo o declarado e representado no gráfico III, foram registrados 5 crianças bem pequenas com idade entre um ano e sete meses a três anos e onze meses; 4 crianças pequenas entre quatro a cinco anos e onze meses de idade; 6 crianças de até doze anos e 8 adolescente/adultos. Nenhuma mulher registrou possuir filhos entre um ano e seis meses de idade.

Gráfico III - Idade dos Filhos(as).

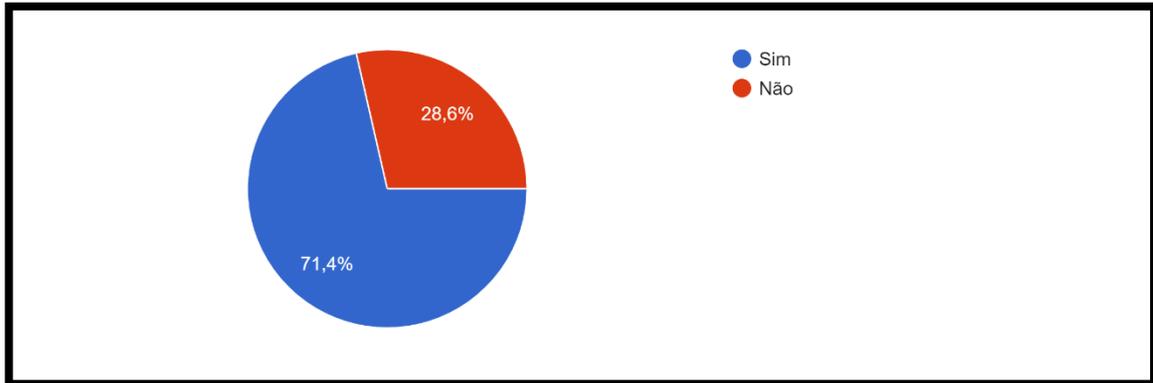


FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Tanto a Constituição Federal (1988), quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preveem os pais como os principais responsáveis pelo cuidado integral dos filhos, no entanto, na realidade existe no Brasil uma forte tendência social de unilateralizar a responsabilidade de cuidados com as crianças, sobretudo com as menores, como se os cuidados diários fossem apenas obrigação da mãe. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) (2010) existem, no Brasil, cerca de 12 milhões de famílias monoparentais, onde apenas um genitor (geralmente a mãe) é obrigada a assumir sozinha essa responsabilidade.

Entre as voluntárias, essa realidade também se expressa: a maioria delas, declarou ser a principal responsável pelos cuidados com os filhos, foram 15 das 21 professoras, o que representa 71,4% das participantes, e 28,6% delas registraram não ser a principal responsável por esses cuidados.

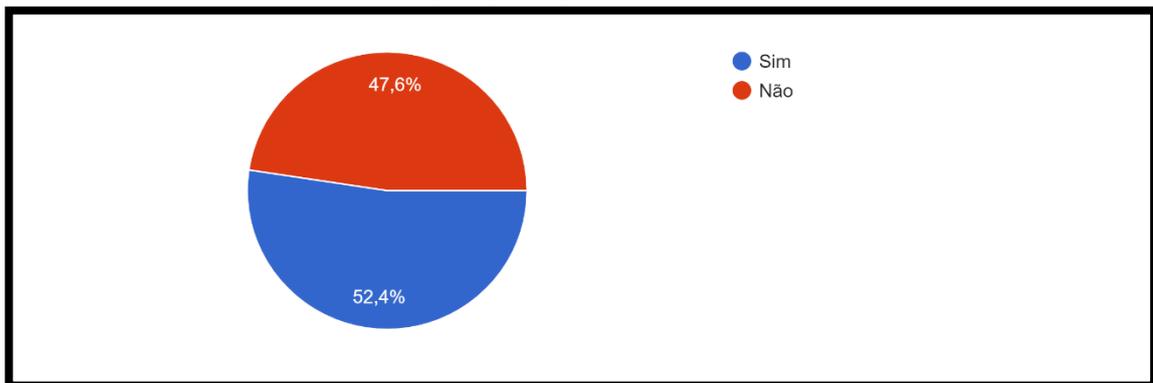
Gráfico IV - Você é a principal responsável pelos cuidados com seus filhos(as)?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Em relação à responsabilidade financeira com os filhos, foi registrado que 52,4% são as principais responsáveis financeiramente pelos filhos e 47,6% do total de participantes registraram não ser. Assim, notamos que a maioria das professoras mães da UFCG são as principais responsáveis financeira e de cuidados dos filhos(as). Essas responsabilidades quando somadas às demais funções atribuídas socialmente à mulher como os afazeres domésticos e com as exigências das funções profissionais - planejamento de aulas, produção de pesquisa, extensão e etc, expressa e fomenta as desigualdades de gênero em seus espaços de atuação e geram uma sobrecarga de atividades podendo provocar desgaste emocional e físico dessa profissional.

Gráfico V - Você é a principal responsável financeira de seus filhos(as)?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Diante do exposto, com base nas respostas geradas pelas voluntárias da pesquisa, é notado que a maioria das professoras mães do campus da UFCG são mulheres afrodescendentes, que possuem em média um filho(a), em sua maioria adolescente e/ou adulto, sendo elas, a principal responsável financeiras e de cuidados com os filhos(a). Os dados revelam que, dentro da realidade estudada, existem 5 famílias monoparentais, sendo 4 delas com dois integrantes (mãe e filho[a]) e uma delas com 4 integrantes (mãe e 3 filhos[as]) conforme registrado na tabela 2.

As famílias monoparentais representam 23,8% do total de famílias analisadas, ou seja, a maioria das famílias são compostas por casais (76,2%), mas, as mulheres continuam sendo, em sua maioria, as principais responsáveis financeiras e de cuidados dos filhos, essa realidade é um reflexo da História da mulher na sociedade. Diante dessa realidade, "o corpo da mulher não pode ser considerado completamente livre, haja vista sua capacidade de gestar e as implicações socioeconômicas desse ato."(MONTEIRO, MAIA, 2021 ,p.05)

Tabela 2: Configurações familiares das pesquisadas.

Registro da Composição Familiar das Voluntárias por Quantidade de Integrantes	
Quantidade de Famílias por número de Integrantes	Número de Integrantes na Família
4	02 integrantes
8	03 integrantes
8	04 integrantes
1	05 integrantes

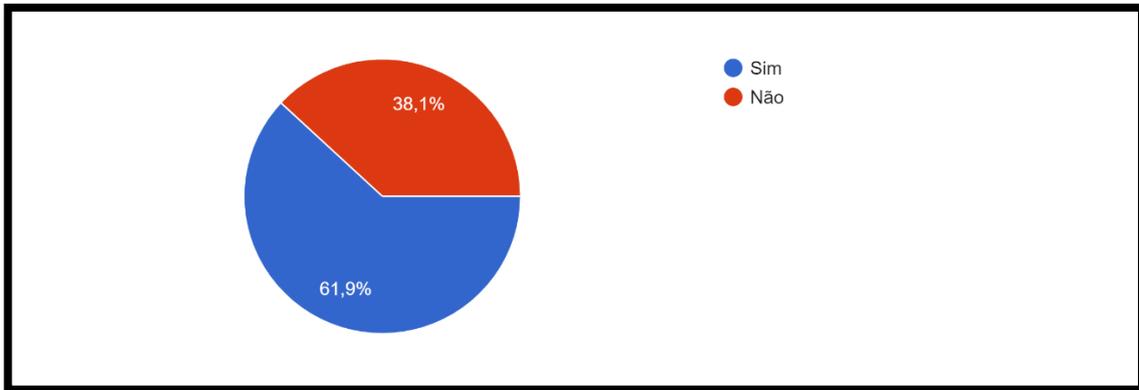
FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

4.2 Análise do Impacto da Maternidade na Vida Acadêmica das Professoras do Centro de Formação de Professores – UFCG Campus Cajazeiras

No intuito de entender o contexto da vida acadêmica dessas mulheres antes, durante e depois do nascimento de seus filhos e investigar o impacto da maternidade na vida acadêmica delas, algumas perguntas enfatizavam sobre essas fases específicas de suas vidas.

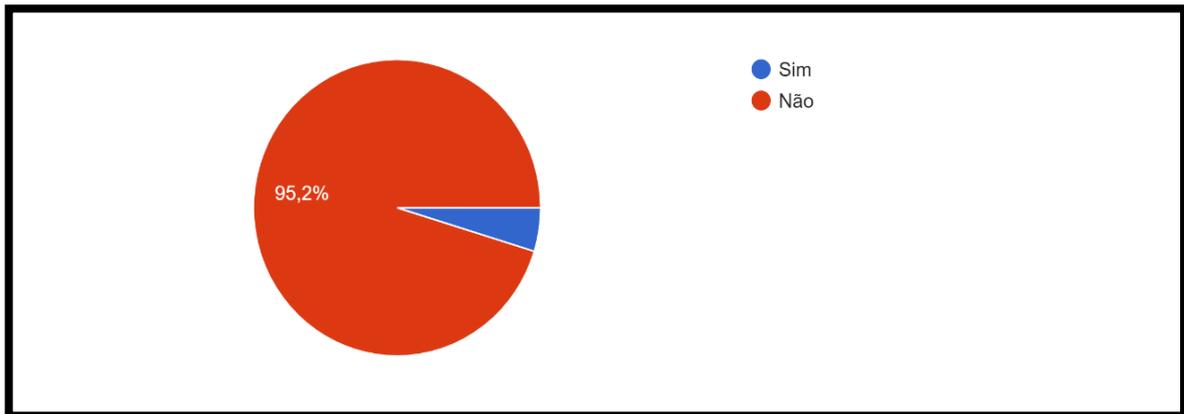
Dessa maneira, foi registrado que a maioria das voluntárias da pesquisa participavam de grupos de pesquisas antes de se tornarem mães, sem, no entanto, liderá-los. Vejam:

Gráfico VI - Antes da maternidade, participava de algum grupo de pesquisa?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Gráfico VII - Antes da maternidade, liderava algum grupo de pesquisa?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

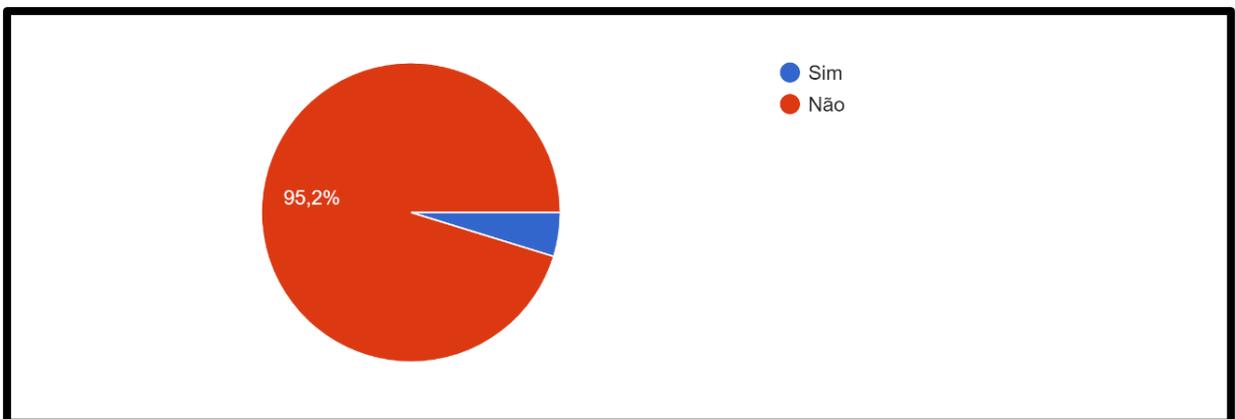
A capacidade de liderança feminina (sobretudo da mulher mãe) dentro de um padrão social estruturado no machismo sempre foi questionado e descredibilizado, a mulher muitas vezes precisou adiar ou abrir mão de muitas vivências no âmbito pessoal como por exemplo a vivência da maternidade e do relacionamento amoroso para conseguir obter e validar o êxito na carreira.

Nessa realidade, constatamos que antes da maternidade 61,9% voluntárias da pesquisa participavam de grupos de pesquisa e 38,1% não participava (gráfico VIII), e apenas uma delas liderava pesquisas - que era financiada. Assim, 95,2% das voluntárias não lideravam grupos de

pesquisas antes da maternidade e apenas 4,8% lideravam grupos de pesquisa (gráfico II). Portanto, conforme o gráfico III antes da maternidade, 95,2% (20 mulheres) das voluntárias não possuíam financiamento em suas pesquisas e 4,8% (1 mulher) possuía.

O pesquisador(a) geralmente parte de seus interesses pessoais, políticos e ideológicos para produção de seus trabalhos. Quando a mulher não tem a possibilidade de liderar e ou não tem suas pesquisas financiadas isso pode representar uma barreira para pesquisas que propõe discussões de gênero, maternidade e tantas outras questões que são percebidas e propostas por nós mulheres.

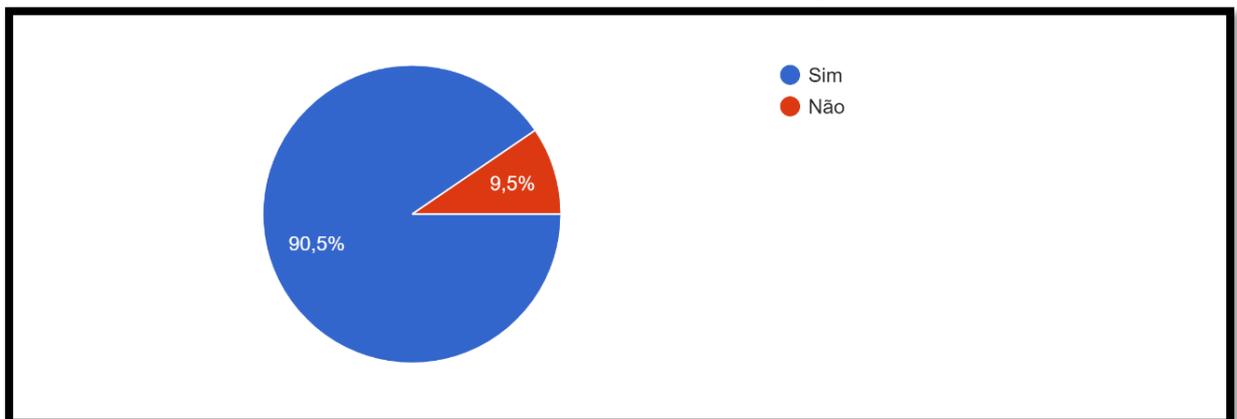
Gráfico VIII - Antes da maternidade, suas pesquisas possuíam financiamento.



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Foi registrado também que, antes da maternidade, 90,5% das voluntárias exerciam outras funções além de ensinar e 9,5% das participantes se dedicavam exclusivamente ao magistério (Gráfico IX), ou seja, a maioria delas registrou uma atuação profissional muito intensa dentro do espaço acadêmico expressando uma vivência plena da função profissional nos três principais eixos da Universidade pública: Ensino, pesquisa e extensão.

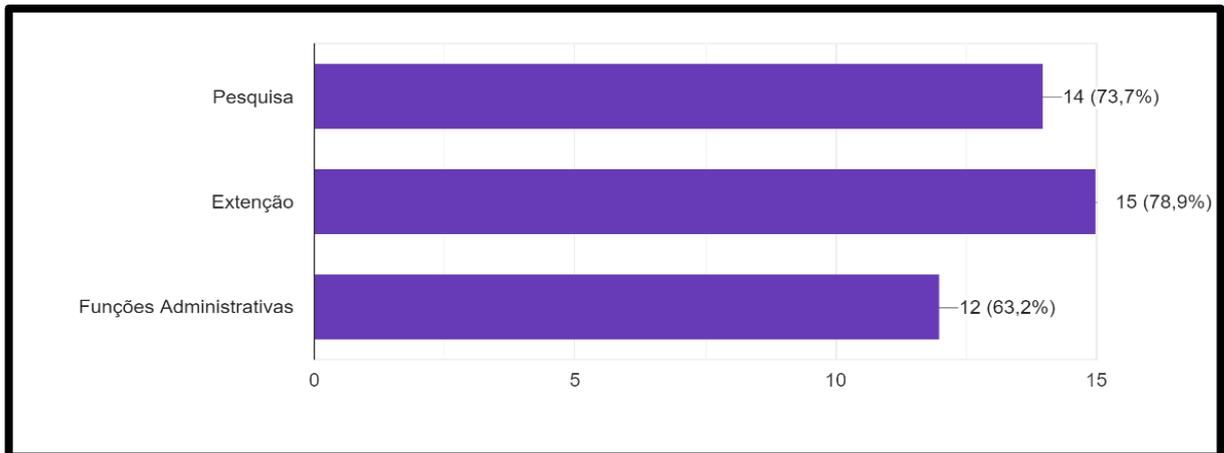
Gráfico IX - Antes da maternidade, se dedicava a outras funções além do ensino?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Assim, conforme o gráfico X entre as 19 que exerciam funções acadêmicas além do ensino 73,7% participavam de pesquisa, 78,7% de extensão e 63,2% exerciam funções administrativas.

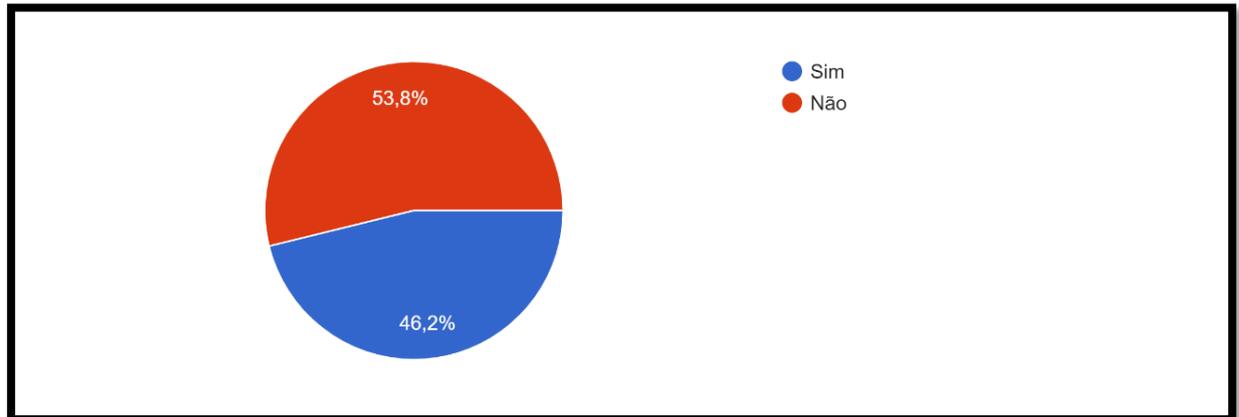
Gráfico X – Percentual de outras atividades praticadas pelas voluntárias, antes da gestação.



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Entendendo que as funções administrativas remuneradas são as mais disputadas, questionamos, se as funções administrativas que essas mulheres exerciam antes da maternidade eram remuneradas ou não, a maioria delas, conforme registrado no gráfico XI, desempenhavam funções administrativas não remuneradas: 46,2% eram remuneradas por essas funções e 53,8% não eram. Essa realidade é mais um reflexo do machismo estrutural na Universidade, pois mesmo diante de uma atuação acadêmica intensa, a maioria dessas mulheres ocupam cargos administrativos *não* remunerados no CFP, dessa maneira, esse fato aponta uma questão de gênero ligada a oportunidades e aos fundamentos das condições que geram essas oportunidades.

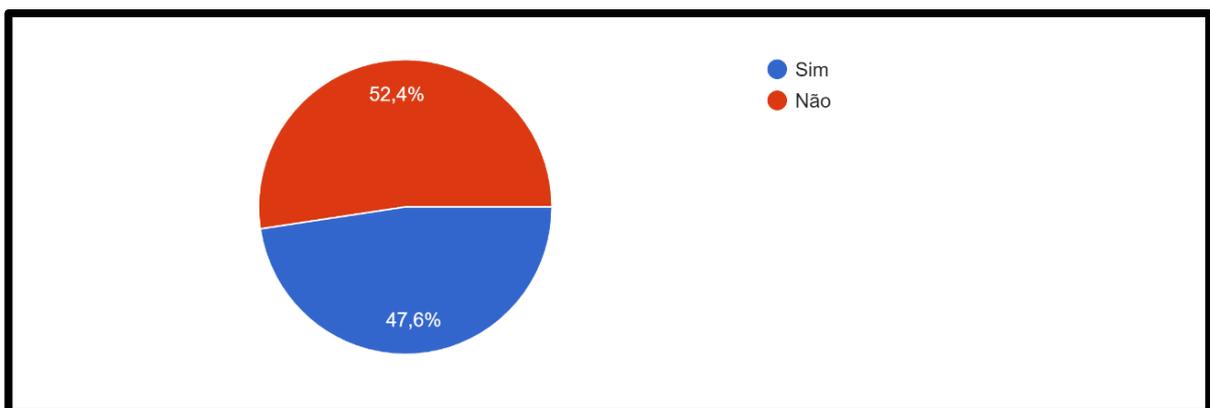
Gráfico XI - Caso se dedicassem a funções administrativas antes da maternidade, eram remuneradas?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

No referente à o período da gestação, a maioria das voluntárias não publicou trabalhos. O gráfico XII registrou que 52,4% das voluntárias não publicaram trabalhos nesse período, e 10 47,6% publicaram. Cabe ressaltar, que já durante a gestação as responsabilidades maternas se impõem no cotidiano da mulher (rotina de acompanhamento, consultas, exames e etc), além das questões biológicas (baixa da imunidade, mal estar, indisposição, sensibilidade olfativa, sono e etc) e impactam diretamente nas atividades corriqueiras da gestante.

Gráfico XII - Publicou trabalhos durante sua gestação?

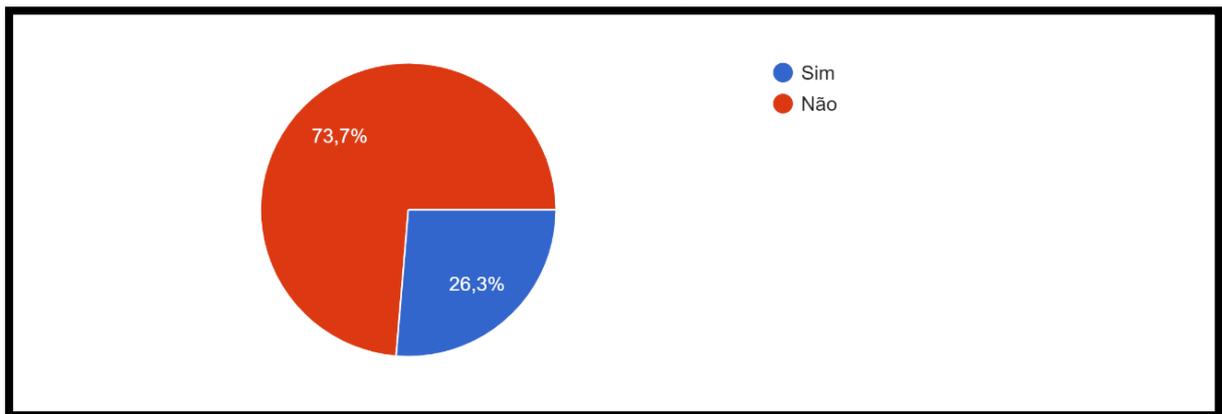


FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Após o nascimento da criança, a mulher vive um período chamado de puerpério que é um momento de reconexão da mulher consigo mesma com seu corpo e seus sentimentos que passam por mudanças significativas afetando diretamente a saúde emocional da puérpera, isso

se somado aos cuidados integral com a criança recém chegada, novos desafios ligados ao sono, amamentação e etc. Essa fase, embora popularmente seja considerado que dure apenas 45 dias, pode durar anos para algumas mulheres. Dessa maneira, procuramos saber se as voluntárias, diante dessas novas demandas, publicaram trabalhos durante os 180 dias de licença maternidade e foi registrado no gráfico XIII que 73,7% das voluntárias não publicaram trabalhos durante a licença e 26,3% delas publicaram.

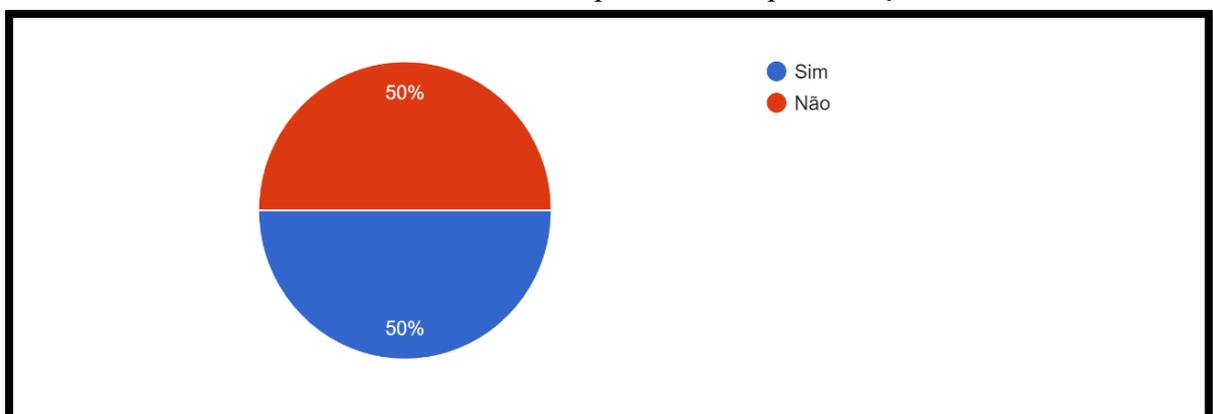
Gráfico XIII - Publicou trabalhos durante o período de licença maternidade?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Pontuamos aqui que historicamente os cuidados parentais exigem muito da presença feminina, sobretudo nos primeiros anos das crianças, desse modo, investigamos se no primeiro ano após o nascimento de seus filhos, as voluntárias publicaram trabalhos acadêmicos e foi registrado que metade das professoras que responderam a questão não publicaram trabalhos neste primeiro ano do exercício da função materna (gráfico XIV): 50% delas publicaram trabalhos no primeiro ano após a licença maternidade e 50% não publicaram.

Gráfico XIV - Publicou trabalhos no primeiro ano pós licença maternidade?

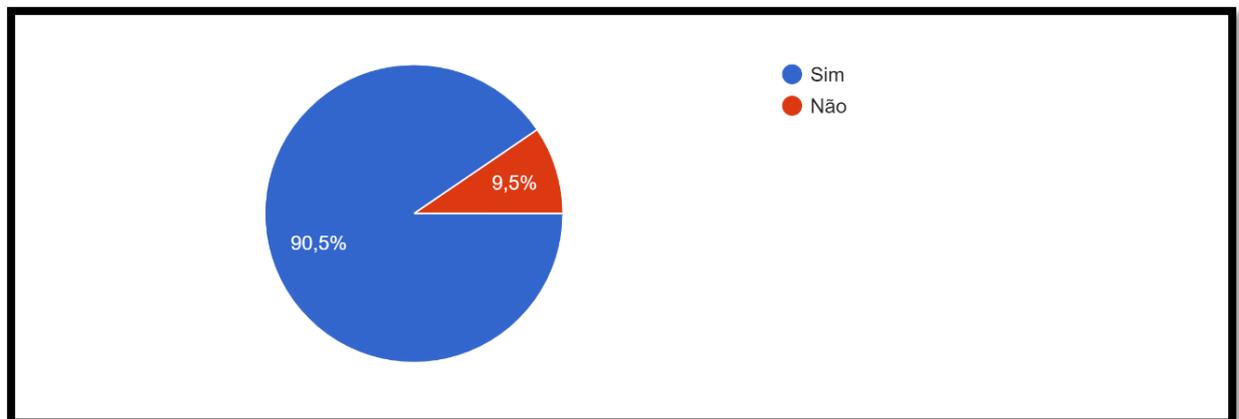


FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Nesse sentido, percebemos que a metade das voluntárias da pesquisa registram uma pausa na carreira acadêmica para se dedicar às funções maternas durante pelo menos, um ano e os impactos profissionais dessa “pausa” nas suas produções surgem nos anos seguintes podendo gerar perdas de oportunidades, atrasos em pesquisas e frustrações diante das cobranças desse meio.

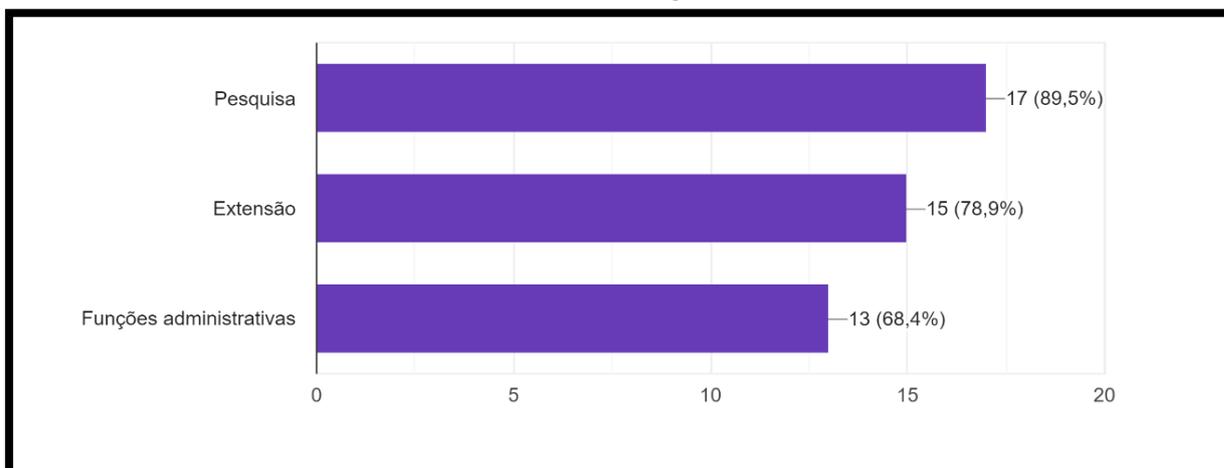
Focando no momento atual da vida acadêmica das voluntárias, elaboramos perguntas que criassem um panorama de suas atividades acadêmicas. Desse modo, registramos que 90,5% delas estão participando de outras atividades além do ensino no momento e 9,5% estão apenas ensinando (gráfico XV), das 19 que estão desempenhando outras atividades acadêmicas além do ensino, 89,5% fazem pesquisa, 78,9% extensão e 68,4 exercem funções administrativas (gráfico XVI).

Gráfico XV - Além das atividades de ensino, você desempenha outras atividades?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

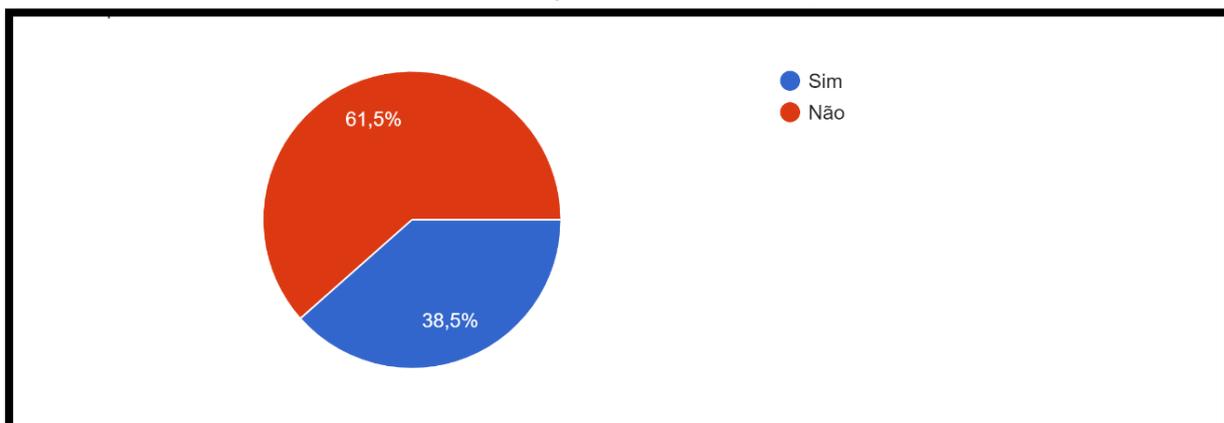
Gráfico XVI - Quais?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Conforme registrado (gráfico XVII) das 13 que exercem funções administrativas, 61,5% são remuneradas e 38,5% não são.

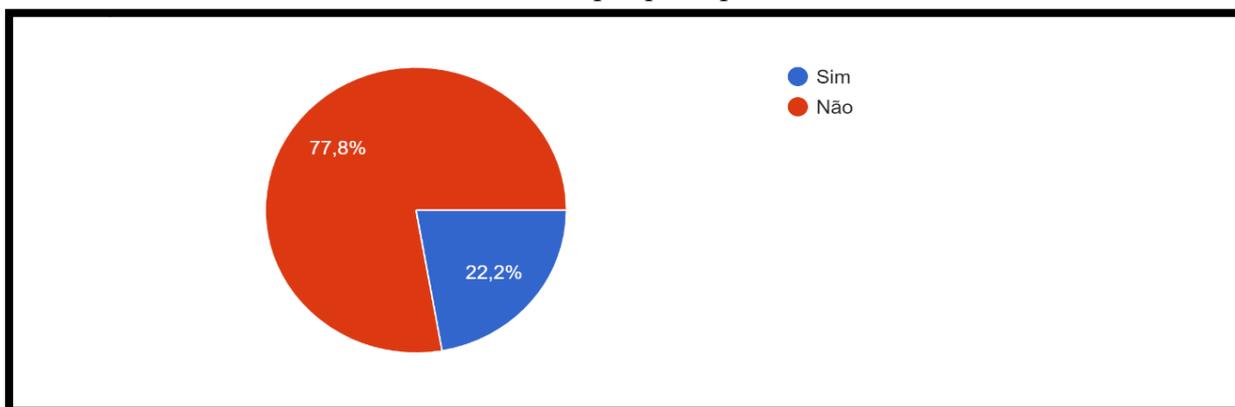
Gráfico XVII - Caso tenha Funções administrativas, são remuneradas?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

No referente a produção de pesquisa das 17 voluntárias que registraram está produzindo pesquisas, responderam se suas pesquisas possuíam financiamento ou não, foi registrado que 77,8% delas possuem financiamento e 22,2% não possuem (gráfico XVIII).

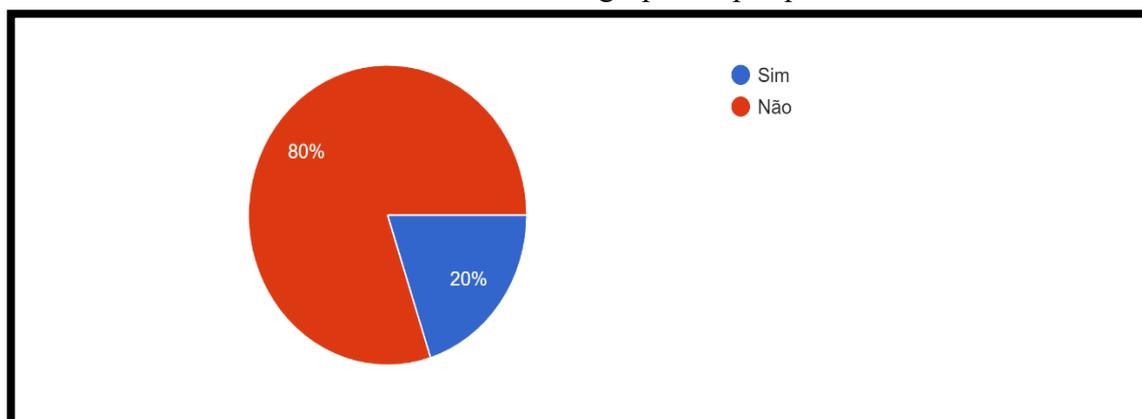
Gráfico XVIII - Caso realize pesquisa, possui financiamento?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

As voluntárias responderam se são líderes de algum grupo de pesquisa ou não e 80% responderam que não lideram nenhum grupo de pesquisa e 20% delas registraram liderar (gráfico XIV).

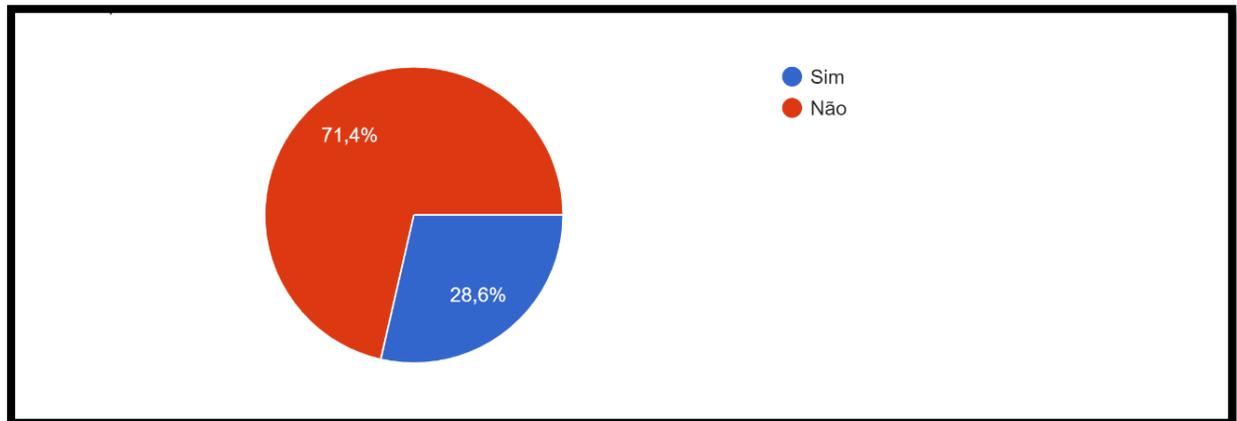
Gráfico XIV - Lidera grupos de pesquisa?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

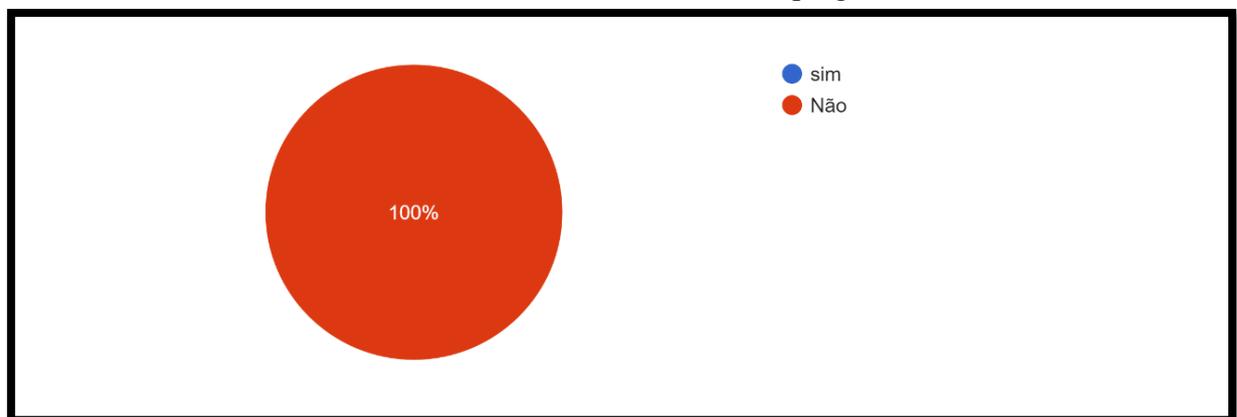
As 21 voluntárias responderam se lecionam ou não na pós-graduação e foi registrado no gráfico (XX) que 71,4% voluntárias não são professoras da pós e 26,6% são. Nenhuma delas possui outro vínculo empregatício (gráfico XXI).

Gráfico XX - Leciona na Pós-graduação



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Gráfico XXI - Possui outros vínculos empregatícios?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

Segundo os dados levantados, antes da maternidade registramos que 73,7% das 21 voluntárias participavam de grupos de pesquisa e apenas 4,8% delas era líder do estudo. No momento atual notamos um aumento na participação dessas mulheres na pesquisas do campus: das 21 participante 89,5% delas fazem pesquisa no CFP, houve também o aumento de mulheres na liderança de estudos, foram registradas que 20% delas são líderes de seus estudos e na questão que aborda se as suas pesquisas possuem financiamento 18 voluntárias responderam registrando que 77,8% participam de pesquisa que possuem financiamentos.

Desse modo, é notado que após se tornarem mães, aumentou o número de mulheres na produção de pesquisa na UFCG, como também aumentou a quantidade de mulheres que lideram grupos de pesquisa com financiamento. Os números que registram a participação das voluntárias na extensão universitária se mostraram igual quando comparamos o antes e depois da maternidade, esse registro foi de 78,9% das 21 participantes em ambos os momentos

analisados. Ao que se refere aos cargos administrativos houve aumento no percentual de participação dessas mulheres na administração, mas, houve queda na porcentagem de mulheres mães com cargos remunerados dessas funções, antes da maternidade registramos que 63,2% participavam de cargos administrativos sendo que 46,2% eram remunerados, depois da maternidade 68,4% das 21 participantes registraram assumir cargos administrativos mas, apenas delas 38,5% delas são remuneradas para isso.

Diante do exposto, percebemos uma expressiva participação das voluntárias nos três eixos fundamentais do ensino superior: Ensino, Pesquisa e Extensão. Enquanto sociedade ainda precisamos transformar os conceitos sobre a maternidade e o materna, de modo a equilibrar as responsabilidades desta função em relação aos gêneros, mas, apesar da sobrecarga gerada pelas demandas das funções maternas, o desempenho acadêmico das mulheres mães da UFCG segundo os dados, se tornaram mais expressivo depois da suas vivências como mães, no entanto, cabe salientar que a maioria dessas mulheres não são mães de bebês/crianças bem pequenas(1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) nem de crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) que são as idades que mais se cobra a presença da mãe, podendo esse ser um fator de influência sobre essa realidade no campus.

4.3 Representações de Gênero na Atualidade e Suas Implicações no Contexto Acadêmico.

As representações do masculino e do feminino registrada na história, impactam diretamente na responsabilidades atribuídas socialmente a mulher e ao homem (HIRATA, KERGOAT, 2020), na atualidade, precisamos repensar muitos dos conceitos dessas atribuições reconhecidas como natural, mais que, na verdade, são produtos de uma construção social marcada pelo machismo estrutural, dessa forma, precisa ser superada e reestruturada de acordo com as novas demandas sociais que surgiram principalmente a partir do empoderamento feminino.

Diante dessa realidade, pedimos para que as voluntárias registrassem suas principais dificuldades no momento de retorno ao trabalho, entendendo que, as dificuldades individuais dessas mulheres se estruturam diante da organização social e aos conceitos de gênero e valores ligados a essas estruturas.

Assim, registramos que nessa fase, a maioria sentiu uma sobrecarga de atividades (maternais, domésticas e profissionais), tendo uma dificuldade em organização do tempo

dedicado a cada uma dessas responsabilidades, resultando em menos tempo para se dedicar às produções acadêmicas, além disso, as respostas das voluntárias registram também, como principais dificuldades, o afastamento entre mãe/filho e/ou a necessidade de deixá-los sob cuidados de terceiros ou mesmo a falta de com quem deixá-los, sobretudo para cumprir carga horária da noite considerando o horário comercial que cuidadores, babás ou creches costumam atender. Algumas mulheres registraram sentir uma rejeição com implicações emocionais dentro da universidade em relação ao exercício da maternidade, a necessidade de desmame precoce diante das várias horas de afastamento entre mãe e filho(a), a falta de uma rede de apoio nos cuidados com a criança e a impossibilidade em viajar/dormir fora de casa, também foram listados como dificuldades próprias desse período.

Apenas uma docente, registrou não encontrar grandes dificuldades no momento de retorno às funções,

(...) Claro, que o bebê, precisou e teve toda minha atenção, mas, nesse período, consegui conciliar atividades com a maternidade. Agora, pretendo, retornar ao ritmo das atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão. É fato, que meu filho deseja toda minha atenção, quando estou em casa. No entanto, tenho tido o apoio necessário, em família também, não posso negar, que será uma nova adaptação, quando eu for lecionar no período noturno (...). Assim, talvez encontre alguma dificuldade, a partir do próximo período. (Voluntária 5, 2022).

Conforme registrado em sua resposta, no momento de volta ao trabalho, a voluntária registrou contar com o apoio familiar que ela aponta como necessário, percebendo que possíveis dificuldades podem surgir quando voltar a lecionar no período noturno.

Diante das questões que envolvem a maternidade e suas implicações na vida da mulher, questionamos as voluntárias sobre como a maternidade pode ter influenciado em seus processos de progressão funcional e a maioria delas registraram que, a maternidade não dificultou nesse processo, segundo elas, isso deve a seus esforços pessoais na organização de trabalhos e documentos, registram também que são muitos os desafios e que para isso, precisam trabalhar acima de 40 horas semanais.

As voluntárias que registraram considerar que a maternidade teve influência negativa em seus processos de progressão funcional relataram que a maior questão é a “pausa” que precisaram dar em seus estudos e demais atividades acadêmicas em função da vivência intensiva da maternidade sobretudo nos primeiros anos da criança, o que quase sempre resultou em consequências negativas como perdas oportunidades, viagens, falta de tempo de estudo e

relataram também questões relacionadas com sua saúde emocional, confiança e autoestima inclusive para vida profissional diante da vivência da maternidade.

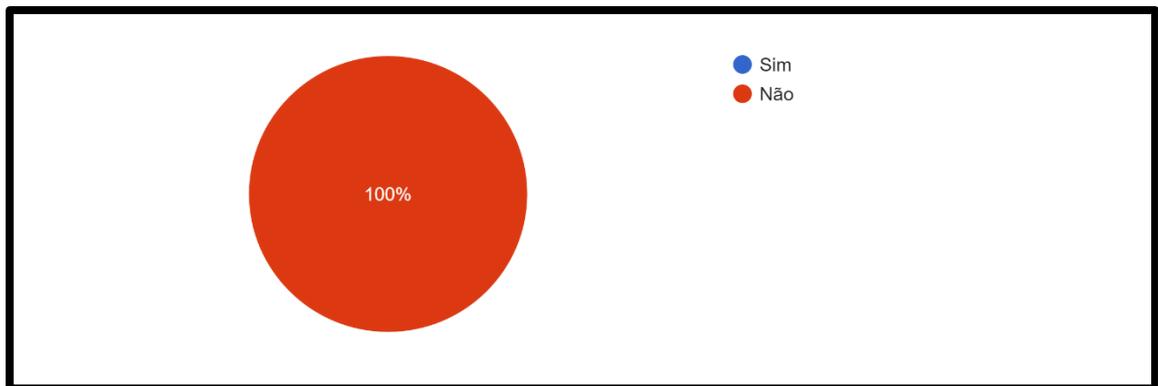
Assim, é notado que, as concepções sociais atribuídas às mulheres durante os anos, sobretudo em relação ao materna, está impactando diretamente no exercício docente das mulheres mães e professoras do CFP. Diante dessa compreensão, a discussão e o entendimento da temática dentro desse espaço se fazem necessários para a preservação do direito e da saúde emocional não apenas das mulheres, mas, do CFP como um todo.

4.4 Políticas de Apoio a Docente Mãe de Bebês e Criança Pequenas da UFCG.

As políticas públicas que se constituem como sendo a vivência prática e a institucionalização dos direitos previstos em Leis voltadas para garantia de direitos das mulheres mães, têm, na última década, sido reivindicada e conseqüentemente, melhorada em muitos aspectos como, por exemplo, a recente conquista da garantia de licença maternidade para as pós-graduandas, mas, tais conquistas ainda se mostra insuficiente na promoção da equidade entre os gêneros.

Para entender melhor como essa realidade se concretiza no âmbito acadêmico da UFCG campus Cajazeiras, questionamos entre as voluntárias se, elas conheciam ou foram assistidas por alguma outra política de apoio a maternidade além do auxílio creche e da licença maternidade, ou seja, por alguma política de iniciativa própria desse espaço acadêmico, 100% das voluntárias registraram não conhecer nem ser assistida por outra política institucional se não essas duas mais comuns: Licença maternidade e auxílio creche (Gráfico XXII) que são garantidas por leis.

Gráfico XXII - você conhece ou foi assistida por alguma outra política de apoio à maternidade além da licença maternidade e auxílio creche?



FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

A experiência da maternidade transforma a mulher em muitas instâncias, e o seu espaço de vivência diária precisa enxergar e se adaptar para tais mudanças.

Nesse sentido, indagamos se as voluntárias sugerem alguma política institucional de apoio à maternidade na universidade, e todas elas responderam com sugestões voltadas ao acolhimento da criança nesse espaço, tanto de maneira conceitual e subjetiva quanto de espaço estrutural.

Desse modo, as respostas das voluntárias, além de registrar que a institucionalmente a Universidade está promovendo o afastamento das mães (recebendo apenas a profissional) e da criança de seus espaços (licença e auxílio creche) elas sugerem possíveis mudanças em suas estruturas de funcionamento, visto que o apego das relações mães-filhos é muito intenso e importante.

Algumas das sugestões registradas, idealizam uma creche e pré-escola dentro do campus, que atendessem inclusive as discentes e demais profissionais do campus e não apenas as docentes o que garante uma maior proximidade entre mãe e filho(a) cotidianamente, o que, segundo elas, possibilitaram maior rendimento em suas atividades.

Penso que cada Centro Acadêmico deveria conter um núcleo de educação infantil (creche e pré-escola), em que fossem oferecidos às crianças oriundas da comunidade acadêmica os pilares "brincar, cuidar e educar". Além de favorecer o vínculo entre mães e filhos, sobretudo no período da amamentação, a instituição colaboraria para o desenvolvimento infantil em seus diversos aspectos. (Grifos Meus) (Voluntária 1, 2022).

No caso específico do CFP, carecemos de creche para que a mãe docente possa trabalhar e estar mais próximo do filho. A abertura de uma creche em tempo integral possibilitaria às mães docentes um melhor engajamento nas tarefas acadêmicas diárias. (Grifos Meus) (Voluntária 4, 2022).

Construção de uma creche no Campus universitário, para atendimento dos filhos de docentes, funcionárias e estudantes (Grifos Meus) (Voluntária 7, 2022).

Criação de creches. Sofri muito sem esse apoio da Instituição e que ainda permanece. (Voluntária 8, 2022).

Além da creche, uma das voluntárias sugeriu editais específicos para pesquisa voltados para mulheres mães de bebês e crianças pequenas, considerando as especificidades desse momento de suas vidas e carreiras.

Algumas sugestões, foram voltadas também para a mudança estrutural da organização universitária em relação a maternidade, estando estas ligadas ao ambiente, e ao subjetivo dos profissionais do campus, essas foram sugestões de entendimento dos processos que envolve a maternidade e suas implicações no meio:

Penso ser necessário ações que visam o acesso, a permanência e a progressão de mulheres-mães na universidade, como programas de assistência estudantil para essas mulheres, Auxílio Creche para mães em situação de vulnerabilidade socioeconômica, atendimento psicológico e acompanhamento pedagógico às mães (Grifos Meus) (Voluntária 2, 2022).

A minha sugestão seria uma rede de apoio que pudesse contemplar não só creche, como também, uma formação ou até mesmo uma espécie de campanha para que os demais profissionais entendessem que esse retorno de uma mãe acadêmica deve ser gradual, não por uma questão de compreensão, mas de direito mesmo. (Grifos Meus) (Voluntária 3, 2022).

As voluntárias sugeriram ainda que além da creche, a mãe pudesse receber, dentro desse espaço, um apoio psicológico diante dessa fase de readaptação de seu cotidiano e a promoção de aulas e reuniões online.

5. CONCLUSÃO

Analisar o impacto materno no ambiente Universitário reflete e se configura como um avanço social para as mulheres e para a sociedade como todo. Estudos que tratam problemáticas do “universo feminino” contribuem para validar e ressignificar questões que são sociais e não apenas feministas.

Os Objetivos que traçados no início dessa pesquisa, que tinham o intuito de mostrar a realidade da UFCG Campus Cajazeiras em relação a influência da maternidade na vida acadêmica da mulher, foram insistentemente esquadrihados, investigados e explorados, de forma que, a partir das respostas geradas pelas voluntárias, conseguimos fazer uma panorâmica acerca do impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras do Centro de formação de professores – UFCG campus Cajazeiras. Assim, conseguimos observar, pelas respostas geradas a partir do questionário a atuação acadêmica dessas mulheres mães antes, que durante a gestação e depois da maternidade, é registrado um aumento de participação das mulheres nos três eixos fundamentais no ensino superior – ensino pesquisa e extensão, depois da maternidade, cabendo ressaltar que a maioria não são mães de bebês (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) nem de crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). É necessário dizer que, o aumento da participação das mulheres em todos os âmbitos da vida acadêmica aqui observados, não significou, a equidade de gênero, por nós almejada, e também não significou a realização profissional dessas mulheres, muitas vezes, esse aumento das atividades foi acompanhado da necessidade de afirmação profissional, em um espaço de trabalho que desafio e desprivilegia a experiência da maternidade.

Com relação aos objetivos específicos da pesquisa, foi possível traçar o perfil das professoras do Centro de Formação de Professores da UFCG, levantamos que a maioria das professoras mães do campus da UFCG são mulheres afrodescendentes, que possuem em média um filho(a), em sua maioria adolescente e/ou adulto, sendo elas, a principal responsável financeiras e de cuidados com os filhos(a). Os dados revelam que, dentro da realidade estudada, existem 5 famílias monoparentais, sendo 4 delas com dois integrantes (mãe e filho[a]) e uma delas com 4 integrantes (mãe e 3 filhos[as]).

A discussão das representações dos gêneros na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico, que se organizou como o segundo objetivo específico do trabalho, também foi discutido, ainda que tenhamos concluído a monografia com a compreensão de que essa é uma temática complexa, estruturalmente e culturalmente organizada, o que enseja novas investigações, contudo, neste trabalho, foi possível compreender, a partir das respostas das

voluntárias que, no CFP as concepções sociais atribuídas às mulheres durante os anos, sobretudo em relação ao materna, está impactando diretamente no exercício docente das mulheres: na UFCG as mulheres são as minorias em cargos admirativos remunerados (mesmo atuando intensivamente na universidade), em liderança de pesquisas e possuem menos financiamentos, esses fatos geram impacto direto na produção de pesquisas voltadas às questões geralmente discutidas por mulheres, como é o caso da maternidade, no entanto, esse processo não é acompanhado por uma política institucional que viabilize condições específicas, diante das especificidades apresentadas pelas professoras mães.

O terceiro objetivo específico preconizou fazer o levantamento das políticas de apoio a docente mãe de bebês e crianças pequenas da UFCG e foi constatado que, infelizmente, não há conhecimento de uma política institucional de apoio e de acolhimento das mães professoras e de seus filhos nesse espaço acadêmico. As voluntárias ainda sugeriram possíveis mudanças subjetivas e físicas no CFP em relação à maternidade, elas sugeriram creches, editais específicos para mulheres mães, apoio psicológico e etc.

Com base na vivência da maternidade como uma mulher preta, leituras, estudos e nos dados levantados e analisados durante o desenvolvimento desse trabalho percebi que existe ainda uma grande caminho na ressignificação da maternidade dentro e fora do espaço acadêmico o que implica na ressignificação dos papéis do homem e da mulher no âmbito social e no espaço privado de vivência conjugal.

É notado que na UFCG campus Cajazeiras ainda não se estruturou políticas próprias de apoio à maternidade, fato que expressa e perpetua a invisibilidade e negação da mulher mãe – e do filho(a), nesse ambiente. No entanto, as mulheres mães existem e ocupam esse espaço, elas têm suas carreiras e vidas atravessadas pela função materna e suas demandas. Nós nos percebemos na universidade, apontamos e exigimos estratégias de apoio estrutural e psicológico também nesse ambiente.

Diante do exposto, expressei nosso desejo de que essa pesquisa possa contribuir para mudanças reais e positivas para as mulheres e para toda a sociedade, contudo, faz-se necessário dizer que, concluímos certas de não poder concluir, haja vista compreendemos ser necessários outros esforços acadêmicos de compreensão dessa temática, afim de engrossar as fileiras de um conhecimento socialmente referenciado nas mulheres, maioria em nossa sociedade, e também, dentro do ambiente universitário.

O modelo social que impõe unicamente a mulher as responsabilidades de cuidados domésticos e maternos parece está nos adoecendo e gerando esgotamento físico e emocional. Assim, sugerimos estudos futuros que possam questionar as funções sociais da mulher e do

homem na sociedade e suas atribuições no mundo moderno, a partir das mudanças registradas nas configurações modernas da sociedade onde a mulher assume um papel para além do ambiente doméstico.

6. BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, Milena. KREUTZ, Lúcio. **Do ambiente doméstico às salas de aula:** Novos Espaços, velhas Representações. Caxias do Sul, v. 15, n. 3, set./dez. 2010. p. 106-120.

BOUERI, Aline Gatto. ASSIS, Carolina de. Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres. **Gênero e número**. 20 Julho de 2018. Disponível em < <https://www.generonumero.media/sem-considerar-maternidade-ciencia-brasileira-ainda-penaliza-mulheres/> > acesso em: 30 de Novembro de 2020.

DOCÊNCIA E MATERNIDADE – A dura rotina das professoras que precisam conciliar filhos e sala de aula. **Sinpes**. Disponível em:< <https://sinpes.org.br/site/docencia-e-maternidade-a-dura-rotina-das-professoras-que-precisam-conciliar-filhos-e-sala-de-aula/>> Acesso em: 03 de Abril de 2021.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 2.ed. Campinas-SP, Alinea, 2001.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. . ATUALIDADE DA DIVISÃO SEXUAL E CENTRALIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - **POLÍTICA & TRABALHO**, [S. l.], v. 1, n. 53, p. 22–34, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.50869. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/50869>> . Acesso em: 24 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (**IBGE**), 2019. Resultado dos dados preliminares do censo 2019. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cajazeiras/panorama> > Acesso em: 21 de Março de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (**INEP**). Censo da educação superior, 2010. Brasília: MEC.

LOCH, Rayane Monique Bernardes, TORRES, Kelly Beatriz Vieira e Costa, CAROLINA ReciateMulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. Revista Estudos Feministas [online].

2021, v. 29, n. 1 [Acessado 24 Outubro 2022] , e61470. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n161470>>. Epub 26 Maio 2021. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n161470>.

MONTEIRO, Marine Teixeira. MAIA, Noelen Alexandra Weise da. **Mães na academia: uma análise interdisciplinar acerca da inclusão do item licença-maternidade no currículo lattes**. v. 1 (2021): Anais do I Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil - I SIMPÓS-SUL

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, v.1, n.3, 2º semestre de 1996.

OLIVEIRA, Michele Morais, *et al.* MENEZES, Raquel Santos Soares; ALCÂNTARA, Valderi De Castro; SILVA, Francielih Dorneles; SILVA Nayara Nogueira. Conciliando A Carreira Docente E Família: Um Estudo Comparativo Entre Professoras De Instituição De Ensino Superior Pública E Privada. **Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 26, n. 1, p. 69-102, 2015.

Parent In Science: Conheça O Projeto Que Discute A Maternidade (E Paternidade!) Dentro Do Universo Da Ciência Brasileira. **Para mulheres na ciência**. Disponível em: <<https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>> Acesso em: 02 de Dezembro de 2020.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe. HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**. Minas Gerais. Nº. 02 – Ano I – 10/2012. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%3%a7%3%b5es-familiares-do-s%3%a9culo-XX_fatima.pdf> Acesso em: 25 de Novembro de 19 de Novembro de 2020.

SILVA, M. A.; PEREIRA, M. M. O.; ANTUNES, L. G. R.; SILVA, F. D.; CRISTINA FERREIRA CASTELARI, M. . Conciliando maternidade e carreira profissional:: percepções de professoras do Ensino Superior . **Revista Vianna Sapiens**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 27, 2019. DOI: 10.31994/rvs.v10i2.586. Disponível em: <https://viannasapiens.com.br/revista/article/view/586>. Acesso em: 8 dez. 2021.

GONZATTI, S. E. M.; AGUIAR, A. C. B.; LISBOA, A. F. B.; SEBASTIANY, M. V.; QUARTIERI, M. T.;SCHNORENBURGER, S. J. Meninas na Ciência: problematizações sobre gênero no campo das ciências exatas. **Arquivos do Mudi**, v. 24, n. 3, p. 87-99, 30 nov. 2020.

7 - APÊNDICES

7.1. Termo de Anuência

Eu, Prof.^a. Dra. Débia Suênia da Silva Sousa, Diretora em exercício do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG autorizo o desenvolvimento da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada: “A INFLUÊNCIA DA MATERNIDADE NA ATUAÇÃO ACADÊMICA DA MULHER: ESTUDO SOBRE AS DOCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG”, nesta instituição, que será realizada no período Agosto de 2021 a dezembro de 2021, tendo como pesquisadora responsável a Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa e orientada Tereza Karine dos Rêz.

Cajazeiras, PB, 02 de julho de 2021.

NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO
ASSINATURA E CARIMBO

7.2. Instrumento de Coleta de Dados.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO

Considerando os riscos que a pandemia pelo vírus da Covid -19 submete a todos, e atentos as orientações do ministério da saúde que visa entre outros cuidados o isolamento social e visando um ambiente seguro para todos, optamos por usar como fonte para coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas que será encaminhado via e-mail para as sujeitas da pesquisa, assim como todos os esclarecimentos de participação na pesquisa. Para isso, visamos contar com a ajuda das unidades acadêmicas da instituição UFCG no que diz respeito ao encaminhamento do instrumento de coleta de dados da pesquisa as sujeitas. Assim, pretendemos encaminhar o trabalho da seguinte forma:

Encaminha o questionário aos responsáveis pelas unidades;
Trabalho de incentivo no envio e retorno do questionário devidamente respondido;
Coletar dados;
Tabular os dados produzidos;
Trabalho de análise de dados;
Produção de relatórios;
Revisão do trabalho realizado, possível reelaboração.

QUESTÕES (Objetivas e Subjetivas)

Nome

E-mail

Idade

Nos informe o Cv lattes

Cor/raça

Formação

Possui quantos filhos(as)

Qual a idade de seus filhos (as)

Você é a principal responsável pelos cuidados de seus filho(a)s?

Você é a principal responsável financeira de seus filho(a)s?

Qual sua Unidade Acadêmica de atuação docente?

Além das atividades de ensino, você desempenha outras atividades?

Quais?

Caso tenha Funções administrativas, são remuneradas?

Caso realiza pesquisa, possui financiamento?

Quanto?

Publicou trabalhos durante sua gestação?

Publicou trabalhos durante o período de licença maternidade?

Publicou trabalhos no primeiro ano pós licença maternidade?

Antes da maternidade, participava de algum grupo de pesquisa?

Antes da maternidade, liderava algum grupo de pesquisa?

Antes da maternidade, suas pesquisas possuíam financiamento?

Antes da maternidade, se dedicava a outras funções além do ensino?

Quais?

Caso se dedicassem a funções administrativas antes da maternidade, eram remuneradas?

Além da licença maternidade e o auxílio creche, você conhece ou foi assistida por alguma outra política de apoio a maternidade?

Você tem alguma sugestão de políticas institucional em relação ao apoio a maternidade na universidade? si sim, descreva aqui.

Quantas pessoas formam seu núcleo familiar? Quem são elas?

Descreva suas principais dificuldades na volta da licença maternidade?

Você considera que a maternidade dificultou seus processos de Progressão funcional?

7.3.Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Conforme Resolução do CNS/ No. 466/2012).

Cara voluntária,

Você está sendo convidada a participar como voluntária no estudo “A Influência da Maternidade na Atuação Acadêmica da Mulher: Estudo Sobre as Docentes do Centro de Formação de Professores Da Universidade Federal Do Campina Grande – UFCG”, realizado pela discente Tereza Karine dos Rêz vinculada a Unidade Acadêmica de Educação (UAE), no Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras-PB. Sua participação é voluntária e não terá nenhum custo, podendo desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo Analisar o impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras do Centro de formação de professores – UFCG campus Cajazeiras. Vale ressaltar que, este termo foi elaborado de acordo com a Resolução do CNS/ No. 466/2012.

Caso decida aceitar o convite, você será submetida aos seguintes procedimentos: responder um questionário no Googlo Forms a cerca da maternidade, configuração familiar e trabalho docente. O questionário será disponibilizado on-line respeitando as orientações do distanciamento social do Ministério da Saúde, devido a pandemia do COVID-19.

Consideramos que os riscos envolvidos com sua participação são: de constrangimento, pela pesquisa ter interesse acerca das configurações familiares das voluntárias e suas vidas como mães e docentes da UFCG, desconforto devido ao tempo investido na produção de dados, discordância com os resultados da pesquisa, ou preocupação da voluntária com a possibilidade de quebra de sigilo/confidencialidade.

Considerando tais possibilidades de riscos, serão utilizadas as seguintes estratégias: 1) todo e qualquer dano que venha a acontecer devido a realização da pesquisa será de responsabilidades da pesquisadora, sendo assim, serão disponibilizados os contatos da pesquisadora e do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP/HUAC) para qualquer eventualidade; 2) a sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda para si; 3) a pesquisadora irá tratar da identidade das participantes com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. As participantes não serão citadas nominalmente ou por qualquer outro meio, que os identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os benefícios da pesquisa são auxiliar e contribuir com a prática da pesquisa com mulheres na Universidade, visando à melhoria da qualidade da educação mediante a inclusão de discussões, problemáticas e possibilidades para abordar as relações de gênero na educação.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Caso a participante tenha algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcida, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizada.

Após a assinatura, você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Prof^a. Dra. Kássia Mota de Sousa ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/HUAC/UFCG cujos dados para contato estão especificados logo mais abaixo. Assim, após a assinatura fica registrado sua permissão e o consentimento para realização desta pesquisa.

Eu, _____, declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo. Estou ciente e acuso recebimento de uma cópia deste documento.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da entrevistada

Kássia Mota de Sousa
ORIENTADORA DA PESQUISA

Contatos da pesquisa:

DADOS PARA CONTATO COM A ORIENTADORA DA PESQUISA

Nome: Kássia Mota de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Endereço:

Telefone: (85) 98689-4236

Email: kassiamota@gmail.com

DADOS DO CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - CEP-HUAC

Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, Bairro São José, Campina Grande – PB, CEP: 58401 - 490.

Telefone: (83) 2101 - 5545

Email: cep@huac.ufcg.edu.br

Site: <https://cephuac-ufcg.wixsite.com/cephuac-ufcg>

7.4 Termo de Compromisso de divulgação dos resultados

Por este termo de responsabilidade, eu, abaixo – assinada, orientadora da pesquisa intitulada A influência da maternidade na atuação acadêmica da mulher: estudo sobre as docentes do centro de formação de professores da Universidade Federal Do Campina Grande – UFCG.” assumo o compromisso de:

Preservar a privacidade das participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem as participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.

Em 02 de Julho de 2021, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

Profª. Drª. Kássia Mota de Sousa
Pesquisadora Responsável
Unidade Acadêmica de Educação/CFP/UFCG
Coordenadora de Pós-Graduação UAE/CFP/UFCG
SIAPE 2358873

7.5 Termo de Compromisso da Pesquisadora

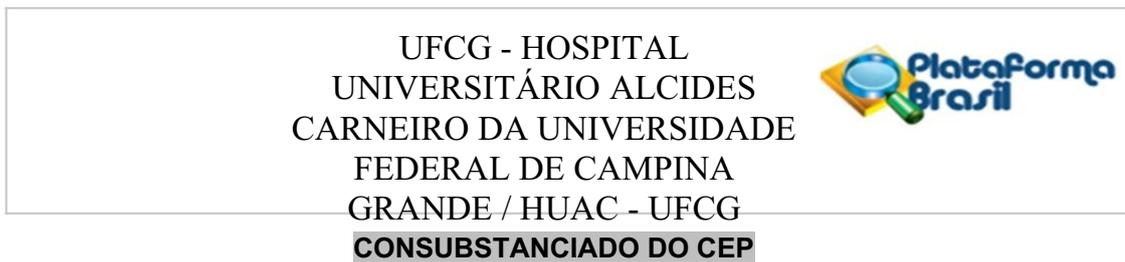
Por este termo de responsabilidade, eu, Kássia Mota de Sousa, enquanto orientadora da pesquisa intitulada “A Influência da Maternidade na Atuação Acadêmica da Mulher: Estudo Sobre as Docentes do Centro de Formação de Professores Da Universidade Federal Do Campina Grande – UFCG” assumo cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, homologada nos termos do Decreto de delegação de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, as sujeitas da pesquisa e ao Estado.

Reafirmo, minha responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta. Apresentarei sempre que solicitada pelo CEP/ CFP/UFCG (Comitê de Ética em Pesquisas/ Centro de Formações de Professores) ou CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CEP/CFP/UFCG, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Em de 02 Julho de 2021, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

Profa. Dr^a. Kássia Mota de Sousa
Pesquisadora Responsável
Unidade Acadêmica de Educação/CFP/UFCG
Coordenadora de Pós-Graduação UAE/CFP/UFCG
SIAPE 2358873

7.6. Parecer de aprovação do projeto no Comitê de Ética.



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DA MATERNIDADE NA ATUAÇÃO ACADEMICA DA MULHER: ESTUDO SOBRE AS DOCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CAMPINA GRANDE - UFCG.

Pesquisador: KASSIA MOTA DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 52401621.2.0000.5182

Instituição Proponente: **UFCG**

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.461.640

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras do Centro de formação de professores – UFCG campus Cajazeiras. Em uma sociedade marcada pelo machismo estrutural, os cuidados parentais atrelados culturalmente a mulher, quando somadas as responsabilidades profissionais atribuídas à docência no magistério superior, sugerem uma realidade profissional e pessoal com especificidades importantes para as mulheres, a compreensão deste contexto se faz importante, considerando a necessidade de construção de uma sociedade mais equânime na perspectiva do gênero. Assim, pretendemos discutir as representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico, traçar o perfil das mães professoras da UFCG e levantar as políticas públicas de apoio a mulher mãe de bebês e crianças pequenas professoras dessa Universidade. Considerando que estamos diante de uma pandemia pelo COVID-19 e tendo a necessidade de isolamento social como principal meio de manutenção da saúde e vida, é que os dados serão gerados a partir de um questionário online encaminhado via e-mail para as voluntárias da pesquisa, visando a segurança das envolvidas. O trabalho será organizado em tópicos, serão eles: Introdução, Objetivos, Justificativa, Revisão Teórica, Metodologia, Recursos e Custos, Cronograma e Bibliografia. A perspectiva de aplicação do

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

Município: CAMPINA GRANDE

UF: PB (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

Telefone

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras do Centro de formação de professores – UFCG campus Cajazeiras. Em uma sociedade marcada pelo machismo estrutural, os cuidados parentais atrelados culturalmente a mulher, quando somadas as responsabilidades profissionais atribuídas à docência no magistério superior, sugerem uma realidade profissional e pessoal com especificidades importantes para as mulheres, a compreensão deste contexto se faz importante, considerando a necessidade de construção de uma sociedade mais equânime na perspectiva do gênero. Assim, pretendemos discutir as representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico, traçar o perfil das mães professoras da UFCG e levantar as políticas públicas de apoio a mulher mãe de bebês e crianças pequenas professoras dessa Universidade. Considerando que estamos diante de uma pandemia pelo COVID-19 e tendo a necessidade de isolamento social como principal meio de manutenção da saúde e vida, é que os dados serão gerados a partir de um questionário online encaminhado via e-mail para as voluntárias da pesquisa, visando a segurança das envolvidas. O trabalho será organizado em tópicos, serão eles: Introdução, Objetivos, Justificativa, Revisão Teórica, Metodologia, Recursos e Custos, Cronograma e Bibliografia. A perspectiva de aplicação do

UF: PB
Telefone

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José

CEP: 58.107-670

Município: CAMPINA GRANDE
(83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE/HUAC-UFCG



questionário é ainda para o ano de 2021, nessa realidade e diante da postura política do atual governo que minimiza os impactos mortais da pandemia no país e no mundo é que se justifica a postura da manutenção do questionário on-line mesmo diante da possibilidade de ser adiado a efetivação da pesquisa considerando a necessidade de aprovação no comitê de Ética. É nossa responsabilidade social, sobretudo com a geração futura, trabalhar questões que combatam o machismo estrutural para uma sociedade mais justa, onde a mulher possa assumir o lugar que quiser, afinal “uma sociedade boa para as mulheres é uma sociedade boa para todo o mundo”.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar o impacto da maternidade na vida acadêmica das Professoras do Centro de formação de professores – UFCG campus Cajazeiras.

Objetivo Secundário:

- Discutir as representações de gênero na atualidade e suas implicações no contexto acadêmico;
- Traçar o perfil das professoras do Centro de Formação de professores da UFCG;
- Levantar as políticas de apoio a mulher mãe de bebês e criança pequenas e docente da UFCG.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Consideramos que os riscos envolvidos para os voluntárias estejam relacionados ao constrangimento, pela pesquisa ter interesse acerca das configurações familiares das voluntárias e suas vidas como mães e docentes da UFCG, ou ainda, desconforto devido ao tempo investido na produção de dados, discordância com os resultados da pesquisa, e/ou preocupação das voluntárias com a possibilidade de quebra de sigilo/confidencialidade. Assim, as providências e cautelas empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano as participantes da pesquisa é o total anonimato das identidades das voluntárias, o trato cuidadoso dos dados levantados, e uma análise empática e fundamentada em critérios de sororidade, livre de julgamentos de valores, éticos e/ou com bases religiosa. **Benefícios:** Os benefícios da pesquisa são auxiliar e contribuir com a prática da pesquisa com mulheres na Universidade, visando à melhoria da qualidade da educação mediante a inclusão de discussões, problemáticas e possibilidades para abordar as relações de gênero na educação.

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

<p>UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE/HUAC/UFG</p>	
--	---

O projeto apresenta relevância científica e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou a seguinte documentação:

- Projeto completo;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos;
- Termo de Compromisso dos pesquisadores;
- Cronograma;
- Orçamento;
- Instrumento de Coleta de Dados;
- Termo de Anuência Institucional da diretora do Centro de Formações de Professores da UFCG.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu as solicitações do parecerista.

Aprovado, salvo melhor juízo desta assembleia.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1803561.pdf	12/05/2022 17:09:59		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoREZVersaoCEP.docx	12/05/2022 17:09:13	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Cronograma	Cronograma_atualizado_REZ.docx	12/05/2022 17:08:41	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termoanuenciaRez.pdf	11/01/2022 15:44:36	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de	TCLEREZ_assinado_assinado.pdf	11/01/2022	KASSIA MOTA DE	Aceito

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEREZ_assinado_assinado.pdf	15:41:47	SOUSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoREZ.pdf	06/10/2021 16:33:35	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoREZ.pdf	25/08/2021 16:19:12	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	InstrumentoColetadeDadosCEP.docx	25/08/2021 14:55:28	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	25/08/2021 14:49:31	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 10 de Junho de
2022

Assinado por:

Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))